



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES/PROF-ARTES



MORGANA ABTIBOL VALE LOBÃO

SÃO LÚIS-MA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES/PROF-ARTES

MORGANA ABTIBOL VALE LOBÃO

O AUTO DO PEIXE AZUL A PARTIR DO TEATRO DO OPRIMIDO: UMA
PRÁTICA PEDAGÓGICA NO 9º ANO DA UNIDADE INTEGRADA SARNEY FILHO
EM RAPOSA - MARANHÃO

SÃO LUÍS-MA

2025

MORGANA ABTIBOL VALE LOBÃO

**O AUTO DO PEIXE AZUL A PARTIR DO TEATRO DO OPRIMIDO: UMA
PRÁTICA PEDAGÓGICA NO 9º ANO DA UNIDADE INTEGRADA SARNEY FILHO
EM RAPOSA -MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Artes da
Universidade Federal do Maranhão, como
requisito para obtenção do título de Mestre em
Arte.

Orientador: Prof. Dra. Ana Socorro Ramos
Braga.

Linha de pesquisa: Abordagens teórico-
metodológicas das práticas docentes.

SÃO LUÍS-MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada

Abtibol Vale Lobão, Morgana.

O AUTO DO PEIXE AZUL A PARTIR DO TEATRO DO OPRIMIDO:
UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO 9º ANO DA UNIDADE INTEGRADA
SARNEY FILHO EM RAPOSA -MARANHÃO / Morgana Abtibol Vale
Lobão. - 2025.

88 p.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a. Ana Socorro Ramos Braga.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Rede - Prof-artes em
Rede Nacional/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Teatro do Oprimido. 2. Bumba Meu Boi. 3. Teatro Imagem. 4. Ensino
de Arte. I. Ramos Braga, Prof.^a Dr.^a. Ana Socorro. II. Título.

MORGANA ABTIBOL VALE LOBÃO

**O AUTO DO PEIXE AZUL A PARTIR DO TEATRO DO OPRIMIDO: UMA
PRÁTICA PEDAGÓGICA NO 9º ANO DA UNIDADE INTEGRADA SARNEY FILHO
EM RAPOSA -MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Artes da
Universidade Federal do Maranhão, como
requisito para obtenção do título de Mestre em
Arte.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Ana Socorro Ramos Braga
Orientadora
PROF-ARTES/UFMA

Membras:

Prof.^a Dr.^a Elisene Castro Matos
UFMA – EXAMINADORA INTERNO

Prof.^a Dr.^a Flávia Andresa Oliveira de Menezes
UFMA – EXAMINADOR EXTERNO

São Luís, 08 de março de 2025.

Aos meus pais, esposo e a minha filha.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, elevo minha mais profunda gratidão a Deus, cuja luz suave e constante guiou meus passos nesta jornada. Foi sua força invisível que sustentou cada instante, concedendo-me saúde, coragem e perseverança para concluir essa dissertação.

À minha família, meu alicerce mais sólido, dedico meu amor e reconhecimento. Aos meus pais, que com palavras e gestos moldaram minha força; ao meu esposo, que caminhou comigo, partilhando desafios e vitórias; e à minha filha, cuja luz e alegria renovam minha esperança a cada dia. Também carrego no coração a gratidão pelo apoio inestimável de Karina Veloso, minha comadre, e Ana Paula Verde, que estiveram comigo desde os primeiros passos desta caminhada.

À minha orientadora, professora Dr^a. Ana Socorro Ramos Braga, minha mais sincera reverência. Sua orientação sábia, seu olhar atento e sua generosidade inabalável foram faróis iluminando o percurso, tornando possível a concretização deste sonho.

A dissertação que aqui concluo não foi apenas um trabalho acadêmico, mas uma verdadeira jornada de descoberta. Mais do que encontrar respostas, aprendi a formular perguntas. Descobri que o conhecimento não é um destino, mas um caminho em constante construção, e que os desafios são, na verdade, convites para crescer.

Cada obstáculo enfrentado se transformou em aprendizado, cada dúvida abriu portas para novas possibilidades, e cada resposta gerou novas inquietações que me impulsionam a seguir adiante. Acima de tudo, esta trajetória reafirmou uma verdade fundamental: ninguém faz nada sozinho.

O conhecimento se fortalece na troca, na escuta, no olhar atento do outro. Foram muitas as mãos que me apoiaram, muitas as palavras que me encorajaram e muitos os ombros que sustentaram os momentos mais desafiadores. A cada pessoa que, de alguma forma, caminhou ao meu lado, oferecendo apoio, sabedoria ou simplesmente acreditando em mim, deixo aqui minha eterna gratidão.

Nosso corpo é nossa primeira casa. Mas vivemos nele sem perceber suas janelas, suas portas, seus corredores. Precisamos reaprendê-lo para nos libertarmos (Boal, 1998, p.67).

RESUMO

Este estudo aborda sobre o ensino de Arte, em diálogo com os elementos do Bumba Meu Boi do Maranhão, destacando-se os objetivos estabelecidos pelos PCNs, BNCC, Proposta Curricular do Município de Raposa. O objetivo da pesquisa é analisar o processo de ensino e aprendizagem em Arte, a partir dos elementos do Bumba Meu Boi do Maranhão, com ênfase na metodologia do Teatro do Oprimido destacando-se as histórias de vida dos estudantes do 9º ano da Unidade Integrada Sarney Filho, no município de Raposa/MA e de seus antepassados, no intuito de se compreender o contexto social, econômico e cultural. O método do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, com destaque para o Teatro Imagem considera o estudante enquanto “espect./ator”, relacionando com as questões socioeconômicas e culturais da sociedade maranhense. A fundamentação teórica, baseou-se, principalmente, nas contribuições de Augusto Boal e Paulo Freire. Os resultados apontam para a promoção da reflexão crítica, a expressão cultural local e o desenvolvimento pessoal dos estudantes, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e atuantes na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Palavras-Chaves: Teatro do Oprimido; Bumba Meu Boi; Teatro Imagem; Ensino de Arte.

ABSTRACT

This study deals with the teaching of Art, in dialog with the elements of Bumba Meu Boi do Maranhão, highlighting the objectives established by the PCNs, BNCC, Curriculum Proposal of the Municipality of Raposa. The aim of the research is to analyze the teaching and learning process in Art, based on the elements of Bumba Meu Boi do Maranhão, with an emphasis on the methodology of the Theatre of the Oppressed, highlighting the life stories of the 9th grade students of the Sarney Filho Integrated Unit, in the municipality of Raposa/MA and their ancestors, in order to understand the social, economic and cultural context. Augusto Boal's Theater of the Oppressed method, with emphasis on Image Theater, considers the student as a spectator/actor, relating them to the socio-economic and cultural issues of Maranhão society. The theoretical foundation was based mainly on the contributions of Augusto Boal and Paulo Freire. The results point to the promotion of critical reflection, local cultural expression and the personal development of the students, contributing to the formation of citizens who are more aware and active in building a fairer and more democratic society.

Keywords: Theater of the Oppressed. Auto do Bumba Meu Boi. Scenic. Games. Exercises.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa municípios da Ilha do Maranhão.....	26
Figura 2- Fachada antes da reforma da U.I Sarney Filho Raposa/ MA.....	33
Figura 3- Fachada após a reforma da U.I Sarney Filho Raposa MA 2023.....	34
Figura 4- Mapa Imagem via satélite da U.I Sarney Filho Raposa/MA.....	35
Figura 5- Rendeiras e Rendar em Raposa/MA.....	37
Figura 6- Livro didático utilizado no ano de 2022.....	39
Figura 7- Oficina em grupo na sala de aula.....	40
Figura 8- Apresentação no pátio da escola U.I.S.F.....	41
Figura 9- Desenho da estudante do 9º ano da U.I.S.F.....	43
Figura 10- Estudantes na oficina em sala de aula.....	43
Figura 11- Jogo/exercício máquina de ritmos.....	46
Figura 12- Estudante realizando o jogo a máquina de amor e ódio.....	47
Figura 13- Estudantes realizando o jogo/exercício completar a imagem.....	48
Figura 14- Estudantes realizando o completando a imagem.....	49
Figura 15- Estudantes construindo a imagem memórias e sentidos.....	50
Figura 16- Realização do jogo memória dos sentidos- desejo.....	51
Figura 17- Viva Maioba. A esquerda o barracão em homenagem a Calça Curta na parede lateral e a direita a Capela de São João.....	52
Figura 18- Visita dos estudantes ao Museu Maioba.....	53
Figura 19 - Estudantes brincando com o boneco boi e a burrinha.....	54
Figura 20- Estudante e os personagens Pai Francisco e Catirina.....	55
Figura 21- Estudantes utilizando chapéus de fitas, usados pelos caboclos de fitas.....	56
Figura 22- Estudantes do 9º Ano no Viva da Maioba.....	57
Figura 23- Registro da criação textual do Auto do Peixe Azul.....	59
Figura 24- Discussão sobre a criação dos personagens I	60
Figura 25- Discussão sobre a criação dos personagens II.....	62
Figura 26- Fragmento da encenação O auto do Peixe Azul.....	63
Figura 27- Cena peixe azul na rede.....	66
Figura 28- Cena com os personagens Zé Chico e seu Ambrósio.....	68
Figura 29- Cena com o personagem Peixe Azul.....	70
Figura 30- Fragmento do relato da estudante E.....	71

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPSAD	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas
CEPRAMA	Centro de Comercialização De Produtos Artesanais Do Maranhão
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística
LDBEN	Lei De Diretrizes e Bases Da Educação Nacional
PAF	Programa de Agricultura Familiar
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PCN	Parâmetro Curricular Nacional
PCMR	Proposta Curricular do Município de Raposa
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SESC	Serviço Social do Comércio
T.O	Teatro do Oprimido
UDI	Unidade de Diagnóstico por Imagem

SUMÁRIO

1	GUARNICÊ DA PESQUISA: PRIMEIRAS ANDANÇAS	14
2	O ENSINO DE ARTE/TEATRO E O BUMBA BOI MEU BOI EM MINHA VIDA:ENTRE A DANÇA E A ARTE	22
3	OS CAMINHOS PERCORRIDOS NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO AUTO DO PEIXE AZUL NA ESCOLA.....	32
4	RESULTADOS ARTÍSTICOS, ESTÉTICOS, SOCIAIS E POLÍTICOS	65
5	CONSIDERAÇÕES DOS PERCURSOS TRILHADOS ATÉ AQUI	75
	REFERÊNCIAS.....	77
	APÊNDICE A-TERMO DE LIVRE ESCLARECIDO	79
	APÊNDICE B-SEQUÊNCIA DIDÁTICA: O AUTO DO BUMBA MEU BOI....	82
	ANEXO A-TEXTO ESCRITO AUTO DO PEIXE AZUL.....	83
	ANEXO B-LINK DAS IMAGENS DO PORTFÓLIO	87
	ANEXO C-PARÓDIA MARIAZINHA E O SONHO DO PEIXE AZUL	88

1 GUARNICÊ DA PESQUISA: PRIMEIRAS ANDANÇAS

Inicialmente, o primeiro tópico deste texto trazia o título *Introdução*. No entanto, essa escolha me causou certa inquietação, pois senti a necessidade de algo mais poético, que dialogasse melhor com a proposta desta pesquisa. Por isso, optei por nomeá-lo *Guarnicê da pesquisa: primeiras andanças*. O termo guarnicê faz referência ao ato de se preparar, ao momento em que os brincantes se reúnem para dar início à apresentação do Bumba Meu Boi.

Já a expressão *primeiras andanças* remete à minha trajetória docente, especialmente à experiência de trabalhar com o Bumba Meu Boi na escola. Dessa forma, o título escolhido simboliza tanto o início desta pesquisa quanto os percursos trilhados até aqui na minha prática pedagógica.

Realizar esta pesquisa requereu buscar referências diversas, e uma delas perpassou pela minha história de vida, com destaque para os caminhos percorridos e as experiências que contribuíram para a construção da Morgana, professora de Arte. Como menciona Larrosa (2014, p.47) “Se suas experiências não servem de nada, então terá vivido sua vida em vão”. E aqui, neste texto, apresento como as minhas experiências de vida dialogaram com a relação da Arte¹ e das linguagens artísticas, em especial, o teatro e seus possíveis desdobramentos na prática docente realizada no espaço escolar que atuo.

Meu contato com este universo artístico começou muito cedo, ainda nos primeiros anos da educação básica. Inicialmente, eu era apenas uma aluna apaixonada pelas aulas de Arte, sempre entusiasmada em realizar as atividades propostas, que, em minhas lembranças, eram predominantemente pinturas e desenhos. No entanto, ao longo do tempo, compreendi que a Arte vai muito além da expressão visual, sendo uma forma de compreender o mundo, interagir com o outro e desenvolver habilidades essenciais para a vida.

Dedicar-se à pesquisa é, acima de tudo, buscar referenciais que impulsionem novas descobertas. E foi exatamente esta busca, por meio da docência em Arte, que me possibilitou uma experiência transformadora. Essa etapa, no entanto, veio um pouco mais adiante e me fez perceber que ensinar Arte não se limita a transmitir técnicas ou conceitos, mas sim a proporcionar vivências significativas que ampliam o olhar e a sensibilidade dos estudantes.

¹ A palavra Arte é grafada com a letra inicial maiúscula, pois se trata do nome de uma área curricular, conforme consta nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias (2006). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em 11 fev.2025.

Ao ingressar no espaço da sala de aula, compreendi que o ensino não é um caminho linear. Pelo contrário, ele se constrói a partir de metodologias diversas que possibilitam aos alunos diferentes formas de perceber o mundo. Mais do que transmitir conhecimento, buscamos construir sentido para aquilo que ensinamos, e a Arte, como área curricular, tem um papel fundamental nesse processo.

O ensino de Arte nos permite criar conexões, promover diálogos e despertar potenciais muitas vezes adormecidos. Como nos lembra Freire (2016, p. 117), “Ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, [...] se torne capaz de entender e comunicar o entendido. [...] E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele”.

É nesse sentido que a Arte na educação se destaca como potência de criação, descoberta e aprendizagem. Quando ouvimos os discentes, temos a oportunidade não só de falar com ele, mas de tornar a aprendizagem mais significativa, pois o estudante não é um mero receptor, mas um agente ativo no seu processo de ensino e aprendizagem.

A importância da Arte na educação se apresenta transformadora e à medida que conseguimos perceber essa transformação e as relações dessa área curricular com o nosso cotidiano, a aprendizagem se ressignifica. Quando direcionamos nossas pesquisas para o contexto das escolas públicas é que verificamos a extrema necessidade da existência e permanência do ensino dessa área do conhecimento.

Nesse contexto, verifica-se a presença de uma rotina árdua (planejamento de aulas, reuniões, correção de atividades, preenchimentos dos registros avaliativos, dentre outros), bem como a falta de recursos básicos para a realização das atividades e propostas artísticas pedagógicas.

O cansaço que permeia o cotidiano de ser professora nesse ambiente também dificulta a produção de pesquisas contendo o registro escrito das nossas práticas docentes. Como bem ressalta Goodson (2013, p. 265), “a razão de estudarmos a vida e o trabalho do professor em um contexto social mais abrangente consiste em desenvolver, de forma mais laborativa, reflexões sobre a construção social do ensino”.

Diante disso, destaca-se a relevância de pesquisas em que professores e professoras analisam o cotidiano das suas práticas, e isso possibilita contribuições para que mudanças reais ocorram nesses espaços. É nesse ambiente que percebemos que o ato de pesquisar não é solitário; pelo contrário, ele acontece em conjunto, no encontro com as pessoas, nas trocas diárias e na construção coletiva do saber.

A pesquisa em Arte na educação é, assim, um ato de resistência, uma forma de valorizar a criatividade, a sensibilidade e a identidade de cada estudante. Como também nos

ensina Freire (1996, p. 47) “É impossível ensinar sem a coragem de querer bem, sem a coragem de querer bem aos educandos”. Portanto, a Arte, em especial, o teatro, quando trabalhada com afeto, compromisso e investimento com ênfase nos recursos financeiros e qualificação profissional, possibilitam um processo de ensino aprendizagem relevante para a(o)s envolvido(a)s, estabelecendo-se assim caminhos promissores para o desenvolvimento humano e social.

É válido destacar que a inserção do teatro nas escolas públicas do Brasil é um processo que reflete as transformações histórica, cultural e educacional do país. Esse movimento, embora ainda em desenvolvimento, tem raízes profundas que podem ser traçadas desde os tempos coloniais até os dias atuais. O teatro faz parte da educação, não apenas como uma linguagem artística, mas também como possibilidades artística e pedagógica para desenvolver habilidades sociais, emocionais e cognitivas nos alunos.

A partir desse contexto, é importante mencionar que as minhas memórias com o teatro tiveram início desde a minha infância mais precisamente, quando representei a personagem bruxa², no Instituto Educacional Bambini. Estas memórias ainda ressoam em minha vida e percebo que em outros espaços escolares.

Muitos estudantes têm contato com o teatro envolvendo especificamente a decoração de textos para serem encenados, cuja educação em teatro é vista e abordada tão-somente para decorar textos e encená-los, sem a preocupação com trabalho corporal e desconsiderando a relevância dos outros elementos (corpo, voz, iluminação entre outros) que permeiam a linguagem teatral.

O teatro nas escolas públicas brasileiras se consolidou como uma prática educacional reconhecida, embora ainda enfrente desafios significativos. A adoção de políticas públicas exerce um papel crucial na promoção de incentivos para formação de professores e a criação de espaços apropriados para projetos e atividades teatrais nas escolas. O primeiro contato com Augusto Boal ocorreu ainda na Graduação durante o Curso de Licenciatura em Educação Artística, mas não recordo com exatidão a disciplina cursada. No entanto, recordo-me com exatidão da professora Gisele Vasconcelos³ abordando sobre Augusto Boal e mais precisamente o Teatro do Oprimido.

² O filme conta a história da princesa Branca de Neve, alvo do ódio e da inveja da própria madrastra, Rainha. Quando esta tenta matá-la, a moça foge para a floresta, encontrando abrigo na casa dos Sete Anões.

³ Professora do Departamento de Artes Cênicas da UFMA Possui graduação em Artes Cênicas (2000) e mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (2007). É doutora em Artes Cênicas pela Escola de Comunicação e Artes, da USP com pós-doutorado na UNIRIO. É atriz-pesquisadora do Grupo Xama Teatro e líder do grupo de pesquisa Pedagogias Teatrais e Ação Cultural, do Cnpq. Atua na área das Artes/Teatro com pesquisa em educação, narração de histórias, atuação cênica e em gestão cultural. Disponível em: <https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/docente/portal.jsf?siape=3451753>.

E por falar em formação docente, destaco as experiências vividas na minha trajetória de vida e profissional, principalmente, no curso de Licenciatura em Educação Artística⁴ que me marcaram significativamente. Nesse percurso, destaco a influência dos professores Luiz Pazzini⁵ (*in memoriam*), Tácito Borralho e Teresa Desterro Rabêlo, (Estrelinha), do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal do Maranhão (Ufma), os quais marcaram minha trajetória neste espaço, e que caminham comigo até hoje na minha prática docente.

Durante esse período que permaneci na universidade, tive oportunidade de participar de algumas experiências: o projeto de Extensão⁶ e o projeto Brincar, na Unidade de Diagnóstica por Imagem (UDI Hospital) e no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD), ambos desenvolvendo atividades artísticas voltadas para o teatro com crianças e adolescentes. Tais experiências contribuíram decisivamente para a minha prática profissional e destaco a minha aprovação no concurso para professora de Arte no município de Morros/Maranhão, como um divisor de águas.

Por que se fez necessário que abordasse estas experiências na minha trajetória profissional?

Apresentei esses dados no intuito de reforçar a relevância de cada aprendizado vivenciado nessas experiências e isso me possibilitou, e possibilita, a construção constante da minha história de vida como docente em Arte. Larrosa (2021, p. 148) menciona que [...] “ser professor é ‘dar atenção ao mundo’, criar nas aulas um tempo e um espaço nos quais seja possível conduzir olhares e produzir novas formas de olhar. Novas formas de olhar que, portanto, só podem ser novas formas de estar atento”.

Após todo esse percurso, outras oportunidades surgiram com a aprovação no seletivo para Centro de Artes Cênicas do Maranhão (Cacem), no qual atuei como professora da disciplina Expressão Corporal, no período de dezembro de 2017 a abril de 2019 e atualmente atuo como professora de Arte, a partir da aprovação no concurso da Secretaria Municipal de

⁴ No período de 2002 a 2010 fui a aluna do curso de Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em artes cênicas pela Universidade Federal do Maranhão.

⁵ Marcante, alegre, visceral. Assim amigos, alunos e plateias enxergavam o ator, bailarino e diretor de teatro Luiz Roberto de Souza, o Luiz Pazzini. Paulista radicado no Maranhão havia 28 anos, ele estava à frente do grupo Cena Aberta desde 2001, onde oferecia oficinas para professores, alunos, atores e quilombolas com alvo na memória. “O teatro do Pazzini é um teatro de fragmentos, uma cena completamente contemporânea, performática”, descreve Arão Paranaguá, professor aposentado de artes cênicas na Universidade Federal do Maranhão (Ufma), onde Pazzini também deu aulas por 23 anos e ajudou a fundar o Centro de Artes. Mônica Manir, e em entrevista feita com irmã e amigo Aparecida de Lourdes e Arão Paranaguá, em 24 de junho de 2021. Disponível em: <https://inumeraveis.com.br/luiz-pazzini/>.

⁶ Jovens com a bola toda vinculado ao Departamento do Curso de Licenciatura em Ed. Física da Universidade Federal do Maranhão.

Educação de Morros (Semed), desde 2011, e no concurso da Semed de Raposa/Maranhão, desde 2019.

A partir destas experiências, o contato com o Teatro do Oprimido se tornou mais evidente na minha prática docente, uma vez que cada etapa vivida me oportunizou conhecer o T.O de uma forma peculiar. O Teatro do Oprimido oferece uma abordagem inovadora e eficaz para o processo de ensino e aprendizagem de adolescentes.

Ao combinar expressão artística com reflexão crítica e ação social, o T.O colabora na formação de indivíduos mais conscientes, empoderados e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Integrar o Teatro do Oprimido ao ambiente escolar não só enriquece o currículo, mas também transforma a experiência educacional em um processo dinâmico, participativo e profundamente significativo.

No Maranhão, alguns elementos do Teatro do Oprimido (conscientização social, engajamento comunitário, observação e reflexão) estão presentes no Bumba Meu Boi, que é uma das mais ricas e vibrantes manifestações culturais do Brasil. As narrativas do Bumba Meu Boi muitas vezes refletem questões sociais e históricas, como a opressão, a luta pela liberdade e a justiça social.

Utilizar esses elementos em sala de aula e fora dela colabora para os estudantes refletirem sobre suas próprias realidades e “empoderar-se”⁷ promovendo uma transformação social frente às desigualdades sociais contemporâneas.

Diante do exposto, o passo inicial foi problematizar a partir das seguintes questões:

- Quais histórias os estudantes do 9º ano da Unidade Integrada Sarney Filho do município de Raposa/MA trazem sobre seus antepassados?
- De que forma os elementos constitutivos do Teatro do Oprimido – como a conscientização social, o engajamento comunitário, a observação e a reflexão – se manifestam e se consolidam a partir de quem brinca o Bumba Meu Boi?
- Quais mensagens contidas no Bumba Meu Boi podem dialogar com as relações socioeconômicas e culturais da comunidade de Raposa/ MA a partir do Teatro do Oprimido?

⁷ Utilizei essa terminologia fazendo um paralelo com dias atuais e este termo significa o processo em que um indivíduo ou grupo de indivíduos se torna consciente de suas qualidades, sua capacidade e sua competência, muitas vezes após a conquista de direitos civis, e supera total ou parcialmente sua condição de dependência, marginalização e/ou subjugação em determinado contexto social. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/empoderamento>. Acesso em 08 fev.2025.

Tal problemática é real e é vivenciada pelos alunos da Unidade Integrada Sarney Filho do município de Raposa/MA, marcada pela ausência de familiaridade com uma das mais emblemáticas expressões culturais locais: o Bumba Meu Boi.

Nesse contexto, é essencial compreender os desafios enfrentados pelos estudantes em relação à vivência cultural, e a importância de promover um aprendizado mais ativo, crítico e significativo, formando os estudantes como sujeitos de mudança em suas comunidades e em suas vidas, fortalecendo sua identidade local.

Assim, uma abordagem do Bumba Meu Boi em sala de aula, na perspectiva do Teatro do Oprimido, oportunizou reflexão crítica e conscientização/ação aos envolvidos no contexto escolar, com ênfase na minha prática pedagógica com os estudantes do 9º ano da U.I. Sarney Filho em Raposa - Maranhão.

Diante desse contexto, o objetivo geral da pesquisa consistiu em desenvolver, por meio dos elementos constitutivos (conscientização social, engajamento comunitário, observação, reflexão e ação), a teatralização do Bumba Meu Boi por meio das histórias dos estudantes do 9º ano da Unidade Integrada Sarney Filho, no município de Raposa/MA, tendo como contexto os aspectos sociais, econômicos, religiosos e culturais das vivências e histórias dos estudantes.

Os objetivos específicos foram os seguintes: a) Contextualizar a origem do Bumba Meu Boi por meio de jogos e exercícios; b) Identificar os elementos constitutivos (conscientização social, engajamento comunitário, observação e reflexão) do Teatro do Oprimido dialogando com as legislações educacionais para o ensino de Arte na escola e na sala de aula; c) Desenvolver uma apresentação teatral baseada nas histórias dos estudantes e nos elementos do Bumba Meu Boi.

Nessa perspectiva, ressaltamos que a justificativa dessa pesquisa reside na possibilidade de abordar questões sociais através do teatro em diferentes contextos, trazendo as narrativas dos estudantes e sua relação com a história local e suas vivências. A partir desse estudo, os estudantes têm a possibilidade de compreender de forma mais crítica e consciente suas próprias histórias, estabelecendo uma prática educativa e transformadora, capaz de promover um diálogo profícuo e significativo.

Diante disso, enfatizamos que a relevância desta pesquisa é discutir a importância de uma abordagem do teatro inspirado nas técnicas do oprimido, e, ao mesmo tempo, proporcionar à comunidade acadêmica, bem como aos docentes, gestores e aos próprios alunos, a possibilidade de brincar o Bumba Meu Boi na escola.

Quanto à metodologia da pesquisa, destaco a pesquisa-ação alinhada ao Teatro do Oprimido com destaque para o teatro da imagem, o que é uma abordagem possível para a

investigação educacional, unindo teoria e prática de sala de aula, promovendo a reflexão sobre participação ativa e crítica, bem como aspectos de transformação social.

Os documentos utilizados para consulta dos dados foram: projeto político pedagógico da escola campo onde se desenvolveu a pesquisa; a proposta curricular do município de Raposa; portfólios; registros audiovisuais, textos escritos pelos estudantes após a apresentação teatral do produto intitulado de *O Auto do Peixe Azul*: uma história que te contaram.

Nesse sentido, utilizamos metodologicamente a pesquisa qualitativa em diálogo com as técnicas do TO, pois, segundo Minayo (2009), a pesquisa qualitativa valoriza a ideia de ou interesse em compreender e interpretar os fenômenos humanos e sociais que nem sempre podem ser quantificados.

O Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) foi utilizado para garantir o anonimato dos participantes. Conforme dito por Minayo (2009), é um documento fundamental em pesquisas envolvendo seres humanos e garante que os participantes sejam devidamente informados sobre os objetivos, métodos, riscos e benefícios do estudo, permitindo que decidam participar de maneira consciente e voluntária.

Além disso, o TCLE assegura a confidencialidade e o anonimato dos participantes. Assim, identificamos os estudantes do 9º ano a partir dos seguintes codinomes dos personagens do enredo do Bumba Meu Boi: Catirina, Pai Francisco, Miolo de Boi, Caboclo de fita e Indígena, Vaqueiro e Dono do Boi.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: **O GUARNICÊ DA PESQUISA: PRIMEIRAS ANDANÇAS**, na qual remeto as provocações teóricas do teatro para o contexto educacional com elementos sobre minha vivência, experiências profissionais com o Bumba meu Boi, detalhando a problemática da pesquisa, os objetivos, metodologia e justificativas para a pesquisa de dissertação. No segundo capítulo, intitulado **O ENSINO DE ARTE/TEATRO E O BUMBA MEU BOI EM MINHA VIDA: ENTRE A DANÇA E A ARTE**, contextualizo a minha vivência com o Bumba Meu Boi com elementos sobre minha vivência, experiências profissionais com o ensino de Arte, Teatro, e o Bumba Meu Boi.

No terceiro capítulo, intitulado **OS CAMINHOS PERCORRIDOS NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO AUTO DO PEIXE AZUL NA ESCOLA**, abordo as legislações educacionais para o ensino de Arte na escola e em sala de aula, apresentando as etapas do projeto, caracterizando a inserção do Bumba Meu Boi enquanto teatralidade popular e sua abordagem na perspectiva do oprimido, tomando como referências noções do Teatro do Oprimido (TO), identificadas como elementos pedagógicos constitutivos: ouvir/reflexão, ver/observação; sentir/engajamento comunitário e perceber/conscientização social. Destacam-

se os registros das atividades desenvolvidas a partir da sequência didática como instrumento de orientação, reflexão e escrita.

No quarto capítulo, intitulado **RESULTADOS ARTÍSTICOS ESTÉTICOS SOCIAIS E POLÍTICOS DO PROJETO**, o qual se consubstancia na abordagem metodológica adotada, contextualiza a comunidade da Raposa/MA e a escola Unidade Integrada Sarney Filho, apresentando e analisando os resultados da apresentação teatral de *O Auto do Peixe Azul: uma história que te contaram*⁸, baseada nas histórias dos estudantes e nos elementos do Bumba Meu Boi. Por fim, nas **CONSIDERAÇÕES DOS PERCURSOS TRILHADOS ATÉ AQUI**, destacam-se os impactos educacionais no âmbito da prática docente, estudantes e comunidade escolar.

⁸ Em algumas partes do texto utilizo o título completo dessa encenação, ou seja, *O Auto do Peixe Azul: uma história que te contaram*. Em outras partes apenas o título inicial, sem o subtítulo.

2 O ENSINO DE ARTE/TEATRO E O BUMBA MEU BOI EM MINHA VIDA: ENTRE A DANÇA E A ARTE

Uma das experiências mais marcantes que tive no universo teatral do Bumba Meu Boi foi por meio da comunidade da Maioba, conhecido como sotaque de matraca (ou boi da ilha). Como expectadora, fui atraída pela fama do Boi da Maioba, e no ano de 2002 conheci meu esposo que já fazia parte e continua na brincadeira como integrante do coro⁹ até os dias de hoje.

Ao chegar nas apresentações, um pouco tímida, fui imediatamente envolvida pela atmosfera pulsante, onde as matracas, tambores onças e os pandeiros ecoavam e as cores vibrantes dos trajes dos brincantes enchiam meus olhos de admiração. Nessa época, quando experienciei o meu primeiro contato com a brincadeira, o meu encantamento só aumentava por suas apresentações cheias de energia e magia.

Assistia maravilhada às performances e o bailado do boi, com seus passos sincronizados e as coreografias no bailado dos brincantes envolvidos no enredo de toadas, que fortaleciam as histórias fascinantes de quem por ali já tinha passado. Cada movimento era executado com precisão e paixão, e eu me vi imersa na narrativa encantadora que se desenrolava diante de mim.

No entanto, minha experiência no Boi da Maioba não se limitou apenas a ser uma expectadora, passei a despertar o meu interesse não somente em apreciar, mas também por tocar a matraca com instrumento.

As matracas, instrumentos percussivos, associados principalmente às tradições indígenas, são elementos fundamentais no acompanhamento rítmico da brincadeira; são dois pedaços de madeira, geralmente retangulares, batidos um contra o outro, lembrando um bater de palmas que precisa ter ritmo, contribuindo para a cadência pulsante que envolve os participantes e espectadores. Descrivê-las no formato da batida é buscar um movimento ritmado que produz um som característico, que se mescla harmoniosamente com os demais instrumentos da orquestra composta dos seguintes instrumentos: matracas, tambores onças, pandeiros e maracás,

No início, foi por meio da observação atenta, da prática dedicada e do respeito reverencial pela tradição que gradativamente assimilei os intrincados padrões rítmicos das

⁹ No Bumba Meu Boi da Maioba, “**coro** é o conjunto de pessoas que dão suporte para o cantador, ou seja, a segunda voz do cantador, ele responde os refrãos da **toada** cantada”, conforme o relato obtido via entrevista oral realizada no dia 11 de fevereiro de 2025, na cidade de São Luís/MA, com um integrante do coro do Bumba Meu Boi da Maioba. Destaco ainda neste relato a termo toada, utilizada para o tipo de canto, ou também chamada de cantiga de Bumba Meu Boi.

matracas. Cada batida é mais do que um simples gesto mecânico; é uma sincronia com os integrantes que compõem a brincadeira.

Aprender a tocar as matracas não é apenas dominar um instrumento, mas sim conectar-se com uma tradição viva, enraizada na história da nossa cultura. Foi uma jornada de descoberta pessoal e coletiva, na qual os ritmos que cada vez eu aprimorava ecoam, unindo o sentimento de pertencimento em fazer parte da brincadeira.

Dessa forma, as idas aos ensaios se tornavam cada vez mais vibrantes, o aprender das toadas e a cantoria; nunca vi coisa melhor. As toadas cantadas durante os ensaios desempenham um papel fundamental na narrativa e na atmosfera das apresentações que são esperadas durante o período festivo. São canções que permeiam todo o espetáculo, fornecendo um enredo musical que complementa e enriquece a performance teatral de cada ano.

Geralmente, as toadas são a história do Boi, e costumam retratar principalmente pessoas que fizeram parte da história do boi e são compostas em um estilo poético característico e buscam interações com os personagens da brincadeira, como o vaqueiro, a índia, o fazendeiro e o caboclo de pena. Muitas vezes com uso de rimas e metáforas elaboradas, são acompanhadas por uma variedade de instrumentos musicais, como pandeiros, matracas, tambor onça, pandeiro, maracá e apito que conferem uma riqueza sonora e uma cadência envolvente na brincadeira. Por meio das toadas, os cantadores (chamados de "cantadores de boi"), com seu maracá e apito, narram e interpretam as diferentes cenas do enredo, transportando o público para o mundo mágico e colorido da brincadeira.

Durante esses anos, a minha relação próxima com o Boi da Maioba tornou-se uma parte integral da minha história. Acompanhando os trajetos das apresentações, testemunhando o amanhecer das festividades em todos os cantos da cidade, eu percebia que essa experiência não se limitava apenas a uma interação cultural, pois era, na verdade, uma jornada de pesquisa que me envolvia cada vez mais a cada dia.

Em um momento singular da brincadeira, surgiu diante de mim uma oportunidade inestimável: a chance de me unir aos brincantes desempenhando uma função no enredo. Nesse instante, toda a conexão construída ao longo dos anos e das vivências distintas enriquecia meu coração com uma vontade irresistível de integrar-me aquilo que tanto admirava.

Apesar do nervosismo inicial diante da ideia de me juntar a eles, fui acolhida de forma calorosa pelos brincantes, cujos sorrisos e gestos afetuosos dissiparam minhas inquietações. Em meio a uma atmosfera de alegria contagiante, mergulhei de cabeça na experiência, deixando-me envolver pelos ritmos frenéticos dos tambores e pela energia pulsante dos dançarinos/as.

Uma emoção envolvente refletindo em uma experiência que transcendia os limites da linguagem, como se o tempo se dilatasse, e eu me encontrasse imersa em um universo paralelo, onde as cores são mais vibrantes, os sons mais harmoniosos e os sorrisos de pertencimento e conexão, a uma tradição cultural que transcende as barreiras do tempo e do espaço. A íntegra do bailado uma mistura de êxtase, de euforia e contemplação, que ao fazer parte daquele momento me transporta para um estado de pura harmonia, em que cada batida dos tambores ressoava, sincronizando-se com os batimentos do meu coração.

Em 2016, meu envolvimento com o Boi da Maioba transcendeu o âmbito da observação passiva, proporcionando-me oportunidade única para participar ativamente na promoção e celebração dessa tradição tão querida. Foi um momento em que minha jornada pessoal se entrelaçou com meu trabalho, abrindo portas para uma experiência enriquecedora e significativa.

Minha participação ganhou vida por meio de uma representação especial: interpretei a personagem Catirina em uma emocionante apresentação cultural promovida pelo Caps. Nesse contexto, mergulhamos na essência do Bumba Meu Boi, apresentando o espetáculo "Boi Brilho do Caps", uma releitura cativante da história contida no Auto do Bumba meu Boi.

Representar a figura de Catirina, com toda sua vivacidade e peculiaridade, foi mais do que um papel desempenhado; foi uma imersão na rica história e nas tradições do folclore maranhense. Ao lado dos colegas de trabalho (elenco), vivenciamos a magia e o encanto dessa manifestação cultural e artística tradicional, compartilhando com o público a beleza e a profundidade dessa narrativa tão cativante.

Cada ensaio foi uma jornada de descoberta e aprendizado, principalmente no qual exploramos não apenas os gestos e falas, mas também os sentimentos e emoções que permeiam cada cena. Foi uma experiência marcante, na qual cada passo dado no palco ecoava com a reverberação da história e cultura brasileira.

Ao fim da apresentação, o que restou foi um profundo apreço pela riqueza da cultura brasileira e um sentimento de gratidão por ter tido a oportunidade de contribuir, mesmo que modestamente, para a preservação e celebração dessa tradição tão preciosa. Foi um momento de conexão, de união e de celebração, que ficará gravado para sempre em minha memória e em meu coração.

Assim, minha jornada com o Boi da Maioba se revelou um divisor de águas no desenvolvimento da minha pesquisa para o Mestrado. Como professora de Arte e entusiasta da arte e da cultura local, mergulhar nessa rica tradição cultural enriqueceu minha prática

profissional, mas também provocou uma profunda reflexão sobre o papel da Arte, mais precisamente das expressões tradicionais da arte local e regional na educação escolar.

Ao integrar a história do Auto do Bumba Boi em atividades educacionais e projetos pedagógicos, fui testemunha direta do poder transformador que essa narrativa singular possibilita aos estudantes, despertando uma compreensão e apreciação pela cultura local, promovendo valores fundamentais de respeito à diversidade e à identidade cultural e contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência cultural mais ampla e inclusiva. Aspectos significativos do teatro não ocorrem de forma esporádica, mas sim fundamentada no entendimento e compreensão de que a Arte, por si só, propicia o desenvolvimento do ato criativo, da expressão, da ampliação da visão de mundo e do crescimento integral do aluno, especialmente nos aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

O caminho que impulsionou o desenvolvimento desta pesquisa teve início a partir de uma experiência vivida com os alunos de Raposa, uma comunidade onde muitos desconheciam as raízes da cultura local, em especial o Bumba Meu Boi. Esse distanciamento de uma tradição cultural tão marcante evidenciava uma forma de opressão simbólica. A falta de acesso e engajamento com aspectos essenciais de sua própria história e cultura revelava uma espécie de silenciamento, como se esses jovens vivessem à margem de suas próprias origens.

Assim, desenvolver uma proposta de ensino com os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental na Unidade Integrada Sarney Filho no município de Raposa, Maranhão, suscitou reflexões concretas sobre a realidade social dos estudantes sobre suas próprias experiências e contextos, reconhecendo e questionando as estruturas de poder e opressão na contemporaneidade.

Diante disso, percebi a importância de criar um espaço no qual esses estudantes pudessem ser protagonistas na redescoberta de sua identidade cultural, e foi nesse contexto que o Teatro do Oprimido surgiu como uma ferramenta pedagógica e social relevante. Inspirado nos métodos e técnicas de Augusto Boal, que visam promover a libertação por meio do teatro e dar voz aos oprimidos, vi a oportunidade de utilizar essas técnicas para incentivar os alunos a expressarem suas inquietações e refletirem sobre o seu lugar na sociedade.

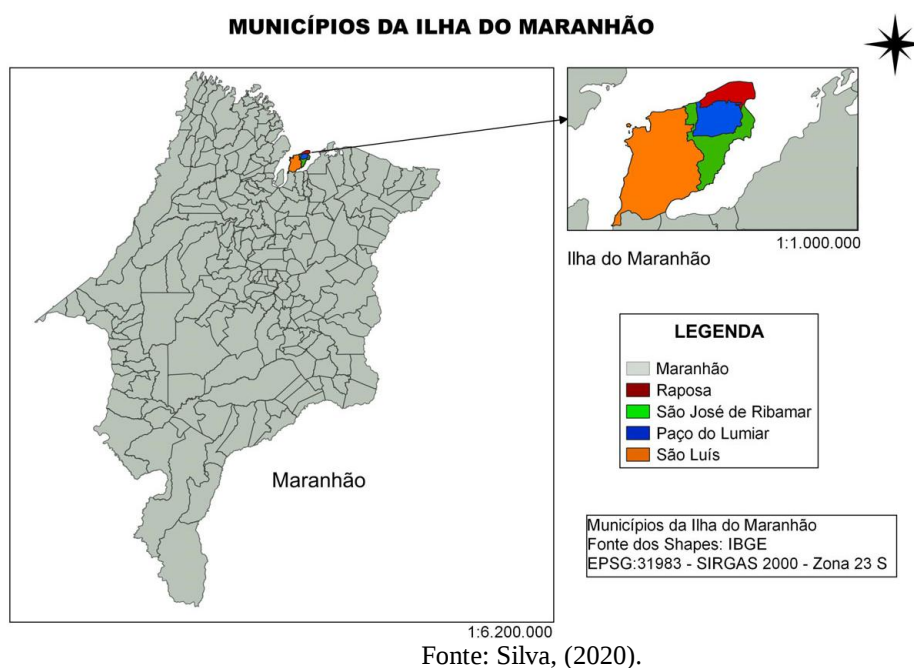
O Teatro do Oprimido, com sua proposta de diálogo ativo e transformação social, mostrava-se como o caminho ideal para promover a valorização cultural e empoderar os jovens da comunidade de Raposa, oferecendo-lhes a chance de reivindicar sua própria voz e lugar na história.

A pesquisa tomou forma a partir dessa necessidade de explorar o teatro como um instrumento de mudança, não apenas pessoal, mas também coletiva. A metodologia de Boal,

com seu enfoque no protagonismo dos indivíduos no coletivo, alinhou-se perfeitamente ao objetivo de resgatar e valorizar a cultura do Bumba Meu Boi, permitindo que os estudantes, por meio da arte, reconquistassem o que lhes pertencia e transformassem sua realidade.

A Unidade Integrada Sarney Filho fica localizada no município de Raposa, situado no estado do Maranhão, conforme consta na Figura 1, localiza-se na microrregião da aglomeração urbana de São Luís, Mesorregião do Norte Maranhense. De acordo com o IBGE, o município tem 30.839 habitantes (Estimativa de 2022) e cerca de 64 km², está situado a 28 km do centro de São Luís, capital do Estado do Maranhão.

Figura 1-Mapa municípios da Ilha do Maranhão



A fundação do município de Raposa tem sua data oficial no dia 10 de novembro de 1994, quando foi desmembrado do município de Paço do Lumiar/Ma. Antes disso, a área geográfica, que hoje compreende Raposa, refere-se à chegada dos primeiros pescadores que se deslocaram de Almofala/Acaraú no Ceará, pelo litoral, devido à seca severa que atingiu grande parte do Nordeste, durante a década de 1950.

Há indícios que Raposa foi povoada pelos indígenas Tremembé¹⁰, conforme os estudos de Coelho (2019, p. 2) “os *Tremembé* que, partindo do litoral do Ceará, vieram para a Costa

¹⁰ Os *Tremembé* moradores da Raposa tiveram sua etnicidade reconhecida pela Funai, no entanto, ainda lutam pelo acesso aos direitos específicos e diferenciados, especialmente na forma de uma terra demarcada para seu uso exclusivo e um atendimento de saúde e de educação de acordo com o determinado pela Política Nacional de Educação Escolar Indígena (MEC, 1993) e pela Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000), respectivamente. Disponível em:

Maranhense. Um grupo estabeleceu-se em Tutóia, outro na Raposa e outro em São José de Ribamar”. No lugar onde hoje se reconhece o município de Raposa, esses primeiros habitantes viviam da pesca e da agricultura de subsistência.

Com o passar dos anos, esse processo de povoamento foi crescendo devido a um processo de ocupação e exploração da região, principalmente devido a sua localização estratégica no litoral.

É um verdadeiro tesouro cultural, onde as tradições ancestrais se entrelaçam com o cotidiano contemporâneo e as histórias dos antepassados, o que desempenharam um papel crucial, moldando as identidades individuais e coletivas dos habitantes locais, especialmente dos estudantes que trazem consigo um legado ancestral imaterial de valor inestimável.

Ao adentrar no universo dos estudantes raposenses, fui transportada para um mundo onde as histórias de seus antepassados ecoam através das gerações. São narrativas que se entrelaçam com as raízes profundas da cultura maranhense, na qual mitos, lendas e tradições se fundem em um tecido vivo de identidade. Cada estudante carrega consigo fragmentos dessa história, transmitida oralmente por seus pais, avós e membros mais velhos da comunidade, enriquecendo sua compreensão do mundo e alimentando sua conexão com o passado.

Entretanto, destaca-se a ausência da brincadeira do Bumba Meu Boi na escola e, de certo modo, na comunidade da Raposa, uma manifestação cultural emblemática que exerce uma influência cultural em nossa sociedade. Essa ausência perpassa por inúmeras situações as quais refletem na falta de atividades e metodologias que propiciem um conhecimento sobre essa cultura, não somente em sala de aula, mas em projetos didáticos que possam influenciar a participação nas atividades didático-pedagógicas.

Dessa forma, compreendo que o Bumba Meu Boi transcende o mero entretenimento, tornando-se um elo entre as gerações. É comum ouvir dos estudantes que seus pais e avós, desde a infância, nunca participaram das brincadeiras do Boi, deixando uma lacuna na transmissão desse conhecimento, não apenas sobre a história da cultura maranhense, mas também acerca dos valores de união, respeito e preservação dessa tradição.

Nesse sentido, ao analisarmos a realidade dos estudantes do município de Raposa, vimos que a principal relação que o município reconhece como papel fundamental nas histórias dos antepassados são atividades econômicas, suporte das principais fontes de renda. São elas: pesca (devido a sua localização próxima ao litoral), agricultura (cultivos como mandioca, milho,

feijão, folhas, frutas e vegetais), turismo (praias, manguezais e trilhas ecológicas) e o comércio local, incluindo pequenos negócios, lojas e mercados, cuja atividade contribui para a economia de Raposa, fornecendo empregos e serviços essenciais à comunidade.

Assim, para muitos estudantes da Educação Básica do município de Raposa/MA, o Bumba Meu Boi não é apenas uma manifestação cultural conhecida pela região, mas sim algo que já ouviram falar e que não os conecta diretamente com suas raízes, tampouco impulsiona a vontade de manter viva essa cultural tão preciosa.

A leitura e a análise crítica sobre o Bumba Meu Boi, na perspectiva de Augusto Boal no campo do Teatro do Oprimido, são essenciais, pois corroboram para uma análise aprofundada de conceitos centrais que permeiam a sociedade, como poder, opressão, exploração, dominação e manipulação, bem como seus contrapontos: diálogo, libertação e emancipação.

Esses conceitos precisam ser constantemente relacionados ao que sabemos e praticamos em nossas salas de aula, ampliando o campo de reflexão e ação. Pois, como afirma Freire (2016, p. 69), “A educação só é verdadeiramente libertadora quando provoca no educando a capacidade de perceber criticamente a realidade e atuar para transformá-la”.

O estudo e a prática dessas formas de teatralidade tradicional e local colaboram no desenvolvimento de elementos pedagógicos tais, como: expressão corporal, a musicalidade, improvisação, narratividade, oralidade, ao mesmo tempo em que estimulam a reflexão crítica sobre as questões sociais e históricas que essas manifestações carregam.

Nessa toada, o Bumba Meu Boi representa e envolve toda a comunidade em sua celebração, criando um senso de pertencimento e coletividade. No contexto educacional, essa dimensão ritualística e comunitária pode ser usada para promover o trabalho colaborativo, a empatia e a cooperação entre os alunos, elementos essenciais tanto no ensino de arte quanto na prática do Teatro do Oprimido.

Para Braga e Cartágenes (2023, p. 15), quando analisam a encenação do auto do Bumba Meu Boi pela Companhia Circense de Teatro e Bonecos na década de 1990, ressaltam que a brincadeira do boi é (ou pode vir a ser) estratégia de resistência e insurreição. Destarte, ao pensar sobre o Bumba Meu Boi como ponto de partida para discussões sobre opressão e resistência, os educadores podem promover uma pedagogia que busca desenvolver a consciência crítica dos estudantes, alinhada com o pensamento freiriano de uma pedagogia libertadora que busca desenvolver a consciência crítica dos alunos, permitindo que eles reconheçam as estruturas de poder que influenciam suas vidas e como podem agir para transformá-las.

A Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei nº 9.394/96, estabelecem as bases para inclusão do ensino da arte por meio do Art.26 § 2º com a seguinte redação “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica”. Mais adiante, § 6º do art.26, identifica as linguagens do componente curricular Arte: “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo”.

Compreendo que o ensino de Arte, a riqueza cultural local pode ser explorada para incentivar os estudantes a refletirem sobre suas próprias identidades e raízes culturais. A valorização da cultura popular permite que os alunos se reconheçam como agentes culturais, capazes de produzir e transformar o conhecimento.

Além de enriquecer o currículo escolar, o ensino de Arte baseado nas teatralidades populares coletivas, como é o caso do Bumba Meu Boi, pode desempenhar um papel crucial na formação da identidade cultural dos estudantes. Ao conhecerem e praticarem essas manifestações, os educandos desenvolvem um senso de pertencimento e orgulho de suas raízes culturais, fortalecendo assim a sua autoestima e o seu respeito pela diversidade, como ressalta Menescal (2019, p.1):

O Complexo Cultural do Bumba Meu Boi foi consagrado como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade em 2019, uma vez que congrega diversos bens associados em uma única manifestação: performances musicais e teatrais, design e artesanato, conforme afirmou em reportagem o então Ministro do Turismo, Marcelo Alves.

Ainda nessa reportagem, informa que o Bumba Meu Boi do Maranhão se diferencia justamente pela variedade de estilos, multiplicidade de grupos, e “porque estabelece uma relação intrínseca entre a fé, a festa e a arte fundamentada na devoção aos santos juninos, nas crenças em divindades dos cultos de matriz africana e na cosmogonia e lendas da região” (Menescal, 2019.p1)

Assim como compreendo que alguns elementos (conscientização social, engajamento comunitário, observação, reflexão e ação sobre a realidade social e política excludentes) estão presentes no Bumba Meu Boi. Dessa forma, é necessário citar informações quantitativas dessa brincadeira, destacadas por Andrés (2011, p. 6):

Um levantamento realizado pela Secretaria de Estado da Cultura apurou para a ocorrência de pelo menos 450 grupos de Bumba Meu Boi em 70 município, mas existem variações de cada região. Dividem-se principalmente, nos cinco já mencionados sotaques: 1) Sotaque da Ilha ou de matraca, que são grupos originários

de São Luís; 2) Sotaque de Zabumba ou de Guimarães, do município de Guimarães; 3) Sotaque Costa-de-mão ou de Cururupu; 4) Sotaque da Baixada, do município de Viana e 5) Sotaque de Orquestra, da região do rio Munim.

As narrativas do Bumba Meu Boi muitas vezes refletem questões sociais e históricas, como a opressão, a luta pela liberdade e a justiça social. Utilizar esses elementos em sala de aula e fora dela colabora para os estudantes refletirem sobre suas próprias realidades com a perspectiva de agirem e formularem alternativas de uma transformação social diante das desigualdades sociais contemporâneas.

Borrvalho (2012) menciona que no estado do Maranhão, o Bumba Meu Boi é considerado a mais importante manifestação da cultura popular, tendo seu ciclo festivo dividido em quatro etapas: os ensaios, o batismo, as apresentações públicas e a morte¹¹.

O Bumba Meu Boi envolve a devoção aos santos juninos São João, São Pedro e São Marçal, os quais mobilizam promessas e marcam algumas datas comemorativas. É importante citar que, de acordo com Borrvalho (2020, p. 57), os personagens que aparecem no Bumba Meu Boi de sotaque de matraca e da ilha são os seguintes:

Dono da Fazenda - é o grande proprietário de terras e gados. Ele usa a roupa e um apito para coordenar a festa. É o responsável pela organização do *batalhão* e, em alguns casos, é também o cantador. **Pai Francisco** - vaqueiro, veste-se com roupas mais simples. Seu papel durante a brincadeira é provocar risos na plateia.

Mãe Catirina - mulher de **Pai Francisco**. Normalmente representada por um homem vestido de mulher. **Índio** - Homem com pouca roupa, mais muito rica em detalhes indígenas. A **Burrinha** que se faz presente na brincadeira. **Índias** - mulheres cobertas por penas no peito, mãos e pernas. **Miolo** - brincante responsável pelas evoluções e coreografias do boneco ou artefato boi. **Vaqueiros** - empregados da fazenda, usam roupas pesadas e chapéus de pena com longas fitas coloridas. Mutuca esses virão após - para não deixarem os brincantes dormirem durante as maratonas de apresentação dos bois, os *mutucas* são responsáveis pela distribuição de cachaça a todos. **Caboclo de fita** - brincantes enfeitados com chapéus de fita coloridos e que se misturam aos vaqueiros durante a festa. **Caboclo de pena** - homens cobertos por penas e com um grande chapéu ou cocá que também é feito de penas, representando os homens da tribo nos rituais. Estes são característicos do Boi da Maioba conhecido como sotaque da ilha.

Nesse sentido, esses personagens presentes no Bumba Meu Boi são singulares para cada grupo de determinada região que vai além de uma simples festa ou apresentação artística, trata-se de um ritual que envolve a comunidade em um processo de celebração, resistência e preservação da memória coletiva.

¹¹ Tácito Borrvalho, (2012 p. 40) coloca que esse teatro se apresenta de formas distintas, existindo no contexto de uma só “brincadeira folclórica”. E, apesar de poder ser destacado em momentos distintos- Batizado, Brincadas e Morte do Boi apontam para feições estéticas múltiplas, que levam a indicar momentos de representação coexistindo durante o ciclo anual da brincadeira.

Ressalta-se a importância dos princípios que sustentam essas manifestações culturais, em que a celebração não se limita a um evento festivo, mas representa um reencontro com a identidade comunitária, conectando passado, presente e fortalecendo os laços sociais. E esses aspectos serão apresentados em diálogo com o desenvolvimento das ações do projeto O Auto do Bumba Meu Boi a partir do Teatro do Oprimido, que teve como resultado a encenação teatral intitulada *O auto do Peixe Azul* que será descrito próximo capítulo.

3 OS CAMINHOS PERCORRIDOS NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO AUTO DO PEIXE AZUL NA ESCOLA

A escolha metodológica é pautada na pesquisa-ação e teve como participantes 31 discentes do 9º ano do Ensino Fundamental, da U. I Sarney Filho em Raposa- Maranhão, sendo 12 meninas e 19 meninos. Os discentes participaram da pesquisa tomando por orientação a técnica do Teatro do Oprimido, visto como uma técnica que trabalha o lado artístico, social e político de praticantes e espectadores, como nos fala Boal.

A Pesquisa-ação qualitativa é reconhecida como uma abordagem metodológica que envolve a realização de ações voltadas para a resolução de um determinado problema. Trata-se de uma investigação prática que destaca suas iniciativas, análises e reflexões sobre a possível resolução ou sugestão de intervenções relacionadas ao problema identificado pelo pesquisador e pelos participantes do ambiente em estudo. De acordo com Tripp (2005, p.445-446),

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos[...] Planeja-se, implementasse, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação (Tripp, 2005, p.445-446).

Nesse sentido, esta pesquisa está dividida em cinco etapas: a) primeira consistiu no levantamento e fichamento dos referenciais teóricos, buscados tanto em livros quanto em artigos e dissertações sobre a temática em periódicos da Capes; b) a segunda etapa, na elaboração coletas de dados - realização da oficina do alunos na escola, c) a terceira etapa, análise dos dados coletado na oficina realizada e d) a quarta etapa foi a produção escrita para a qualificação; e) a quinta etapa, da defesa e possíveis orientações e correções pós defesa.

Dessa forma, a pesquisa está centrada na técnica do Teatro-Imagem que utiliza o corpo como veículo de expressão e transformação, abrindo caminhos para a conscientização crítica e a mudança social dos estudantes do 9º ano da U I. Integrada Sarney Filho, no município de Raposa/MA, tendo como contexto os aspectos sociais, econômicos, religiosos e culturais das vivências e histórias dos estudantes. Identificando e construindo juntamente com estes os elementos pedagógicos do Bumba Meu Boi e sua relação com a pedagogia libertadora no ensino de Arte.

A U.I. Sarney Filho é uma escola pública municipal situada em Raposa/MA, localizada na Avenida Principal, 406, Centro, como consta na Figura 2. Nessa instituição de ensino de

Educação Básica são oferecidas as etapas de formação do Ensino Fundamental II (Integral), do 6º ao 9º ano, além da Educação para Jovens, Adultos e Idosos. (EJAI).

Figura 2- Fachada antes da reforma da U.I Sarney Filho Raposa/ MA.



Fonte: Retirada da página do blog Domingos Costa. Disponível em: <https://www.domingoscosta.com.br/>. Acesso em 08 fev. 2025.

Nesse período, a escola apresentava uma estrutura bem insalubre e bastante deteriorada, as salas de aula eram quentes, sem corrente de ventilação com carteiras mal-conservadas e com quadros de aula antigos, assim como escassez de recursos pedagógicos, e apenas um único espaço externo de uso coletivo para todas as atividades, sendo este para lanche e atividades para reunião de pais/responsáveis e atividades pedagógicas.

Assim, nesse período, a estrutura da escola era a seguinte: uma diretoria, uma secretaria, uma sala de professor (sem banheiro), uma cozinha, uma sala de leitura, dez salas de aula, um depósito de material de limpeza, um banheiro com 6 sanitários e pátio coberto.

Toda essa dificuldade foi vivenciada desde a minha chegada como professora nessa unidade de ensino, no ano de 2019, após aprovação em concurso público para o município. Embora, ainda muito chocada com aquela estrutura física e material, buscava, nessa época, desenvolver atividades que me ajudasse a superar aqueles desafios.

Hoje, a escola não se encontra mais nessas condições, como pode ser visualizado na Figura 3. Após a reforma, ocorrida no período da pandemia da COVID 19, a estrutura passou por uma ampliação do espaço e trouxe mais áreas de circulação e salas de aula adequadas com ar condicionado, janelas de vidro; carteiras novas, televisão em cada sala de aula, notebooks e quadro branco; sala da direção ampliada; secretaria; espaço de convivência mais amplo para

atividades externas; sala de robótica; biblioteca; consultório dentário; sala de professores adequada com mesas, armários e banheiro; estacionamento para os funcionários; cantina com espaço para refeitório; bebedouros, banheiros masculinos e femininos com chuveiros.

Figura 3- Fachada Nova após a reforma da U.I Sarney Filho Raposa MA 2023



Fonte: Retirada da página do blog. Disponível em: <https://www.dalvanamendes.com/cidades/raposa-eudes-barros-entrega-escolas-publicas>. Acesso em 08 fev. 2025.

A escola, atualmente, funciona com quatorze turmas sendo sete no turno matutino, sete no turno vespertino e sete turmas no EJA. A escola está localizada no bairro central, como consta na Figura 4, onde conta com vários comércios na região como lojas, a praça Chico Noca¹² bem conhecida pelos moradores; farmácias, supermercados, a Associação das Rendeiras, Delegacia, Colônia de pescadores, pizzaria entre outros pontos comerciais. O transporte tanto o público quanto o escolar são de fácil acesso, passam bem na frente da escola. O fluxo de carros na porta da escola é bastante intenso, as ruas são estreitas e dificulta, às vezes, o tráfego na região, como pode ser visualizada na imagem seguinte.

¹² Em 1952, Chico Noca chegou à região e trouxe sua família de Acaraú, além de várias outras pessoas para povoar a Raposa. Devido ao isolamento inicial, a comunidade foi considerada uma ilha linguística cearense por pesquisadores que a visitaram no final da década de 1970. Fonte: Retirada do site da Prefeitura Municipal de Raposa-Ma. Disponível em: <https://raposa.ma.gov.br/municipio/historia>. Acesso em 09 fev.2025.

Figura 4- Mapa Imagem via satélite da U.I Sarney Filho Raposa/MA



Fonte: Google Maps. Disponível em: <https://maps.google.com/maps/dir/?entry=wc>. Acesso em 08 fev. 2025.

A grande parte da comunidade escolar é formada por filhos de pescadores, trabalhadoras domésticas e comerciantes. As famílias dos estudantes que residem nos arredores da escola têm, em sua maioria, baixa renda, com algumas moradias ainda sendo casas de taipa¹³, refletindo as condições socioeconômicas precárias. Muitos dos arrimos de família são pescadores ou trabalhadores não autônomos, e vários de nossos estudantes já precisam trabalhar para contribuir com o sustento familiar.

Esse contexto de vulnerabilidade social reflete no comportamento dos estudantes, que frequentemente chegam à escola manifestando atitudes agressivas, excludentes e conflituosas. A escola enfrenta o desafio de lidar com alunos que, desde cedo, vivenciam as dinâmicas de opressão entre opressor e oprimido.

Nesse sentido, o município de Raposa/MA se destaca por uma economia diversificada, sustentada por diversas atividades que garantem a subsistência de sua população, sendo que a pesca se destaca com uma das principais atividades econômicas devido a sua localização geográfica privilegiada no litoral maranhense. De acordo com Sousa *et al.* (2024, p. 38):

¹³ Taipa- processo de construção de paredes que utiliza barro amassado para preencher os espaços criados por uma espécie de gradeamento, ger. de paus, varas, bambus, caules de arbustos etc.

No município de Raposa está localizada a maior e mais significativa comunidade de pescadores do estado, com cerca de 359 barcos em operação e uma produção anual de 5.057 toneladas de peixe, representando aproximadamente 12,75% da produção total ao longo da costa.

Muitos moradores dependem da pesca artesanal com destaque para diversas espécies de peixes, mariscos e crustáceos frescos¹⁴, para seu próprio sustento e para comercialização de forma direta para comércios da região e mercados regionais. Outro aspecto econômico que podemos destacar é o artesanato, o qual possui grande relevância, com destaque para a Associação das Rendeiras de Raposa,¹⁵ fundada em 1988, que conta com cerca de 55 artesãs cadastradas.

Essas artesãs produzem e comercializam uma variedade de produtos, desde tradicionais peças como caminhos de mesa, tapetes, toalhas e colchas até artigos modernos como saias, vestuários e redes, com a produção individual e coletivas. Muitas rendeiras desenvolvem suas atividades em casa e na Associação das Rendeiras, como ressaltam Ferreira *et al.* (2024, p. 13):

A prática do rendar no município de Raposa (MA) é uma das grandes manifestações artísticas que carrega consigo uma valiosa carga de representatividade e de identidade do ser rendeira espalhando para o próprio território esta identidade. Recentemente, no dia 18 de abril de 2024, foram sancionadas duas importantes leis no estado do Maranhão que elevam o artesanato Renda de Bilro à condição de Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial e Cultural do Estado, e que reconhecem Raposa como Terra do Artesanato Renda de Bilro. Ainda assim, encontra-se como uma expressão de arte que precisa de zelo e cuidado com estas mulheres rendeiras amantes deste ofício e zeladoras desta rica tradição

É necessário destacar que existem diversas pesquisas científicas sobre as rendeiras de bilro e inclusive essa atividade de renda de bilro é realizada com os alunos da escola em que realizei esta pesquisa em formato de oficina, na modalidade do ensino integral. Dessa forma, essa atividade, como consta na Figura 5, também movimentava o setor comercial, muito frequentado por turistas e pesquisadores em busca de informações.

O corredor das rendeiras é bem localizado e situado na Avenida Principal de Raposa, próximo a escola U.I Sarney Filho. Todo esse artesanato de renda, as vendas são feitas de maneira informal e algumas peças são destinadas ao Centro de Comercialização de produtos Artesanais do Maranhão (Ceprama)¹⁶.

¹⁴ Pela ausência de estrutura e dificuldade de armazenamento, por não ter incentivo da esfera municipal.

¹⁵ A Associação das Rendeiras de Raposa: "Bilro de Ouro" é uma organização que produz e comercializa peças de renda de bilro, além de preservar e transmitir essa tradição artesanal no município de Raposa, no Maranhão. A história do município de Raposa também está ligada à atividade de produção de rendas, que se tornou uma das principais atividades de subsistência da região.

¹⁶ Ceprama foi fundado em 1989 e neste centro é possível encontrar produtos de todas as regiões do estado produzidos a partir das matérias primas, em sua maioria, tiradas do bioma local e transformadas em obras de

Figura 5-Rendeiras e Rendar em Raposa/MA



Fonte: Ferreira *et al.* (2024). Disponível em: <https://www.echu.ufscar.br/index.php/rechu/article/view/28>. Acesso em 08 fev. 2025.

Outro aspecto importante é a agricultura que desempenha um papel significativo, com o cultivo de mandioca, milho, feijão, hortaliças e frutas, tanto para consumo próprio quanto para comercialização no mercado local, além de parcerias com a Prefeitura por meio do Programa de Agricultura Familiar (PAF) que fornece alimentos para escola. Essa produção agrícola é um meio de subsistência de muitas famílias raposenses.

Esse programa, atua de forma contínua em parceria com o Governo Federal através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)¹⁷ e direta nas escolas e na comunidade em geral, sendo as vendas realizadas em feiras e no comércio local.

Necessário ainda informar que o turismo, particularmente o ecoturismo, tem sido explorado na região devido a sua beleza natural, que inclui praias, manguezais e trilhas

arte e de expressividade do cotidiano e do modo de ser do povo maranhense. Os artesãos do Ceprama usam sementes, barro, cerâmica, madeira, ossos, pedras, fibras, palha, azulejos, couro e rendas de bilro em peças carregadas de significado. O Ceprama funciona em um casarão de aproximadamente 3 mil m², nas antigas instalações da Companhia de Fiação e Tecelagem de Cãnhamo. O local serve ainda de palco para apresentações artísticas e eventos. O Centro de Artesanato se tornou referência no apoio e escoamento da produção artesanal de dezenas de municípios do estado. Além de abrigar também o único ponto de apoio do Programa de Artesanato Brasileiro no estado, onde é possível solicitar a Carteira Nacional do Artesão. Texto retirado do site <https://turismo.ma.gov.br/noticias/ceprama-completa-34-anos-de-arte-cultura-e-historia>. Acesso 08 fev.2025.

¹⁷ É um programa do governo federal que compra alimentos da agricultura familiar para distribuir a pessoas em situação de vulnerabilidade. O PAA tem como objetivo: Fortalecer a agricultura familiar, promover o acesso a alimentos, contribuir para reduzir a insegurança alimentar e nutricional, Gerar emprego e renda, Desenvolver a economia local. Texto retirado do site gov.br. Disponível: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acesso-a-informacao/carta-de-servicos/desenvolvimentosocial/inclusao-social-e-produtiva-rural/programa-de-aquisicao-de-alimentos-2013-paa>. Acesso em 08 fev.2025.

ecológicas, atraindo visitantes, turistas, pesquisadores e moradores locais. Essa atividade também é destaque como fonte de renda, uma vez que muitos moradores desempenham atividades através de serviços de alimentação, passeios náuticos pela Baía de São José em barcos, oferecendo o turismo da região, visitando pontos turísticos como a franhas maranhenses, as dunas nos finais de semana e feriados.

Além dos já mencionados, o comércio local é composto por restaurantes, farmácias, lojas, mercados e supermercado que complementa a economia de Raposa, oferecendo empregos e serviços essenciais à comunidade. Apesar dessas atividades econômicas sólidas, é importante destacar que o município ainda carece de expressividade no âmbito cultural, devido à escassez de espaços destinados a atividades culturais regulares.

As manifestações culturais se limitam a eventos festivos como o Festejo de São Pedro, o aniversário da cidade e parcerias com o Serviço Social do Comércio (Sesc) ¹⁸ durante o período junino, com apresentação de brincadeiras juninas de São Luís. No ano de 2023, houve a participação da quadrilha junina *Os Danados*¹⁹ do município que realizou uma única apresentação na programação cultural do Sesc. Nesse sentido, percebo que embora, o SESC desenvolva ações socioeducativas e culturais para as comunidades vizinhas, ainda assim necessita de uma intensificação mais expressiva para essas atividades culturais locais.

Diante desse contexto, a presente pesquisa surgiu através de uma proposta didática desenvolvida em sala de aula no ano de 2022 com os alunos do 7º ano da U.I Sarney Filho, a partir dos conteúdos contidos no livro didático de Arte, como consta na Figura 6, e adotado pela Semed de Raposa/MA, com o intuito de promover uma experiência educativa que integrasse as quatro linguagens artísticas – dança, música, teatro e artes visuais – em torno de um tema central profundamente enraizado na cultura popular maranhense: as manifestações populares que orbitam a figura simbólica do boi.

¹⁸ Inaugurado dia 26 de julho de 2013, a quadra poliesportiva coberta da Raposa é a primeira Unidade Sesc Comunidade implantada no Maranhão. A construção é iniciativa do Departamento Nacional do Sesc que visa democratizar o acesso ao esporte e lazer, promovendo o exercício da cidadania, solidariedade e inclusão social.”. Texto disponível em: <https://www.sesc.com.br/unidade/sesc-comunidade/>. Acesso em 08 fev.2025.

¹⁹ A Quadrilha Os Danados, fundada no município de Raposa em 2018, é reconhecida como a mais antiga da região. Sua origem remonta a um grupo de moradores do Centro, no bairro de Raposa, que já existia desde 2013. Foi somente em 2018, com a iniciativa desses moradores, que a ideia de criar uma quadrilha tomou forma. Além de sua relevância histórica, Os Danados é a única quadrilha do município que se apresenta em arraiais e participa da programação do Sesc, um feito significativo, dado o rigoroso processo seletivo imposto pelos editais para participação nesses eventos.

Figura 6-Livro didático utilizado no ano de 2022



Fonte: Disponível em: <https://pnld.smeducacao.com.br/obras/pnld-2023-rumos-da-arte/>
Acesso em 08 jul. 2023.

A intenção foi proporcionar aos alunos uma introdução ao universo cultural das manifestações populares brasileiras, com foco especial nas tradições ligadas ao Bumba Meu Boi. De acordo com Borralho (2020, p.38), este folguedo, típico do Maranhão, “é um brinquedo teatral, mas um teatro musical por excelência e que em algumas apresentações (hoje em dia as mais constantes), um grande show de música e dança”.

Representa uma das mais ricas expressões da cultura popular nordestina e envolve uma série de elementos dramáticos, coreográficos, musicais e visuais que se entrelaçam para criar uma experiência cultural única. Entretanto, ao iniciar a atividade, ficou evidente que os estudantes possuíam uma limitada familiaridade com a brincadeira do Bumba Meu Boi.

Esse desconhecimento gerou uma surpresa e um impacto significativo em mim, especialmente pelo fato de o município em que a escola se encontra estar localizado nas proximidades da Grande Ilha de São Luís, onde essa tradição é amplamente difundida e valorizada.

Dessa forma, desenvolvi um plano de atividade em sala de aula voltado para a exploração da cultura popular brasileira, com um foco especial na tradição do Bumba Meu Boi do Maranhão, durante os meses de maio e junho de 2022, contendo três etapas: a) apresentação da proposta para os estudantes; b) apresentação das manifestações populares, c) oficinas de construção dos adereços e figurinos e d) apresentação final do boizinho confeccionado por eles nas oficinas em sala de aula.

Figura 7-Oficina em grupo na sala de aula



Fonte: Arquivo Pessoal Morgana Lobão (2022).

Os estudantes tiveram a oportunidade de confeccionar, em sala de aula, os elementos que compõem o Bumba Meu Boi, como consta na Figura 7, como o boizinho, o chapéu de fita, a indumentária dos participantes e os instrumentos musicais. Para isso, utilizamos papelão reciclado na confecção das roupas e dos instrumentos, além de papel crepom para dar movimento, fazendo referência às fitas dos chapéus de fita.

Essa etapa foi desenvolvida em oficinas práticas em que os estudantes começaram a confeccionar os elementos cênicos necessários para a encenação no pátio da escola. Esta proposta teve como objetivo não apenas promover o conhecimento teórico sobre essa manifestação cultural, mas também envolver os alunos em atividades práticas que culminassem em uma apresentação final, como consta na Figura 8, integrando diferentes aspectos do Bumba Meu Boi, desde a sua história até a confecção de adereços e ensaios das danças e cânticos tradicionais.

Figura 8- Apresentação no pátio da escola U.I.S.F



Fonte: Arquivo Pessoal Morgana Lobão (2022).

A partir dessa experiência inicial, aflorou a percepção da necessidade de ampliar a proposta inicial, transformando-a em uma prática pedagógica mais abrangente e contínua, fundamentada na pesquisa e na vivência desse “brinquedo teatral”, conforme denominou Tácito Borralho. Busquei integrar o Teatro do Oprimido em sala de aula utilizando a técnica do teatro-imagem de Augusto Boal, pois acredito que essa abordagem inovadora e eficaz pode enriquecer o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Ao combinar a expressão artística já adquirida com a reflexão crítica e a ação social, percebi que essa abordagem contribui para a formação de indivíduos mais conscientes, empoderados e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Nesse sentido, o Teatro do Oprimido emerge como uma metodologia transformadora, que potencializa o protagonismo dos estudantes na sala de aula e estimula o diálogo sobre questões sociais contemporâneas. Ao transformar o espaço educativo em um território de luta e sobrevivência para corpos dissidentes e identidades marginalizadas, ele reafirma o poder da arte como uma ferramenta de emancipação.

Dessa forma, esta pesquisa não apenas reflete sobre os desafios enfrentados pelo ensino de Arte no contexto atual, mas também oferece caminhos práticos e criativos para fortalecer sua presença e apresentar indícios de seu impacto na etapa final do ensino fundamental.

Baseada na experiência anterior, dei continuidade à pesquisa com os mesmos alunos que, em 2024, estavam cursando o 9º ano do Ensino Fundamental II. O estudo ocorreu nos meses de outubro e novembro, totalizando 16 aulas organizadas em quatro etapas, seguido por uma sequência didática com o objetivo de integrar o Teatro do Oprimido por meio da técnica do Teatro Imagem ao contexto escolar e proporcionar uma experiência de aprendizado mais dinâmica e significativa.

A primeira etapa da pesquisa foi dividida em quatro aulas, nas quais apresentei aos estudantes as informações sobre as etapas do estudo, explicando que, ao longo de todo o processo, utilizaríamos nossas aulas semanais para a realização das oficinas, cada uma com duração de 45 minutos. Além disso, detalhei como seria a construção do portfólio e sua finalidade dentro das atividades desenvolvidas, enfatizando sua importância como registro do aprendizado e da participação dos estudantes.

Após essas explicações iniciais, introduzi um breve contexto histórico sobre o conceito e o método do Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal. Desenvolvido na década de 1970, esse método teatral surgiu como uma forma de resistência e conscientização social, inspirado nas ideias de Paulo Freire sobre educação libertadora.

Boal (1998) defendia que o teatro deveria ser um instrumento de transformação, permitindo que os espectadores deixassem de ser passivos e se tornassem protagonistas na construção de suas realidades. Para compreender melhor a estrutura e os objetivos do Teatro do Oprimido, apresentei aos alunos a Árvore do Teatro do Oprimido, metáfora criada por Boal para representar a diversidade de técnicas e práticas dentro desse método teatral.

Pedi que imaginassem uma árvore e refletissem sobre o que a mantém firme e o que a faz crescer. Expliquei que o tronco da árvore simboliza os princípios fundamentais do Teatro do Oprimido, como a democratização da expressão e a conscientização social. Ou seja, sem um tronco forte, que sustente esses valores, o teatro perderia sua essência transformadora.

As raízes presentes na árvore representam as influências, na qual Boal se inspirou, e os galhos e frutos dentro do T.O simbolizam as diversas técnicas como: Teatro Fórum, o Teatro Imagem e o Teatro Invisível, os quais nos ajudam a enxergar a realidade de diferentes formas e a buscar mudanças.

Ao apresentar essa árvore metaforicamente, conforme consta na Figura 9, estimei os alunos a refletirem sobre como cada parte da árvore se relaciona com nossa própria vivência: o que nos sustenta? O que nos influencia? Esse momento foi essencial para que percebessem que o teatro pode ir além da encenação, sendo uma ferramenta de transformação pessoal e social (Boal, 2009).

Figura 9-Desenho da estudante do 9º ano da U.I.S.F



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Por meio de rodas de conversa, discutimos a relevância dessa abordagem teatral e sua relação com questões sociais, incentivando os estudantes a refletirem sobre as dinâmicas de poder, presentes na sociedade. Como destaca Boal (2009, p. 19), "o teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade".

Dessa forma, o Teatro do Oprimido, em sala de aula, não se limita à encenação, mas se transforma em conteúdo e ferramenta pedagógica, estimulando o pensamento crítico e a participação ativa dos alunos.

Figura 10- Estudantes na oficina em sala de aula



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Para fortalecer essa prática, como consta na Figura 10, propus uma atividade em que os alunos identificassem exemplos concretos de relações de poder no cotidiano e analisassem como podemos reconhecer opressores e oprimidos nas diversas esferas da vida social. Esse momento abriu a possibilidade para que, ao seu modo, estabelecessem conexões entre a teoria e sua própria realidade.

No decorrer dessa primeira etapa, assistimos a um vídeo²⁰ da encenação do Auto do Bumba Meu Boi, destacando seus elementos culturais, musicais e narrativos. Após a exibição, promovemos um diálogo coletivo sobre o contexto histórico, cultural e social do Bumba Meu Boi no Maranhão, permitindo que os estudantes compreendessem sua importância como manifestação artística e patrimônio imaterial²¹. Esse debate aprofundou a percepção dos estudantes sobre a riqueza cultural da tradição, preparando-os para as etapas seguintes do Projeto.

Trazer o Bumba Meu Boi pela perspectiva do Teatro do Oprimido para a sala de aula implica identificar diferenças e pensar aproximações. Dentre essas aproximações, identifico atitudes relacionadas à resistência, à participação comunitária e à educação crítica, conforme destaco abaixo.

Dessa forma, quando pensamos em consciência crítica, no sentido de identificar diferenças e pensar aproximações, refletimos sobre os princípios pedagógicos que norteiam a prática docente. Com base nessa perspectiva, integrei na segunda etapa jogos/exercícios teatrais pautado em exercícios/jogos que, entre diversas opções, colaboram para liberar os corpos e as expressões, promovendo a expansão das habilidades sensoriais.

Boal (1998) descreve o que chama de arsenal do Teatro do Oprimido como um conjunto de jogos e práticas que ele desenvolveu ou organizou, com o objetivo de ajudar as pessoas a libertarem-se das suas limitações físicas e mentais. É nesse sentido que esses jogos e atividades formam a base do Teatro do Oprimido, servindo de alicerce para sua aplicação e o avanço em outras abordagens.

²⁰ O Auto do Bumba Meu Boi, tradicional história maranhense contada pela mestra Bel Carvalho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yt5yFh-p8Iw>. Acesso em 10 out. 2024.

²¹ O Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão é o mais novo bem brasileiro consagrado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. A excepcionalidade dessa celebração múltipla, que abarca as diferentes matrizes culturais formadoras das identidades que compõe o Brasil, foi reconhecida pelo Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda da Unesco, reunido em Bogotá, na Colômbia nesta quarta-feira, 11 de dezembro e mostrou para o mundo sua grande capacidade de criatividade humana. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5499/complexo-cultural-do-bumba-meu-boi-do-maranhao-agora-e-patrimonio-cultural-imaterial-da-humanidade>. Acesso em 10 fev. de 2025.

Esses exercícios são organizados em etapas específicas, proporcionando coesão ao trabalho realizado para compreensão do processo teatral, bem como para o fortalecimento da sua capacidade expressiva, cuja proposta estimula a comunicação através de gestos, posturas e composições visuais, sem a necessidade do uso da palavra.

Boal menciona que nossos corpos estão condicionados e automatizados, devido aos nossos hábitos diários de ação e expressão. Segundo o autor:

Chamamos 'arsenal' ao conjunto de jogos e exercícios que elaboramos e sistematizamos ao longo de muitos anos de prática do Teatro do Oprimido. Arsenal, porque jogos e exercícios são armas: ajudam a linguagem teatral a expressar-se com mais clareza, facilitam a percepção das relações entre os homens, estimulam os indivíduos a revelarem-se e ajudarem-se mutuamente, libertam o corpo de suas couraças e fazem despertar a memória de emoções e sensações esquecidas. Armas de comunicação, nunca de destruição. Nenhum jogo ou exercício é inocente: são todos ideológicos, pois se dirigem ao desenvolvimento do ser humano, de sua expressividade e sua consciência. Todos eles procuram estimular a desmecanização de corpo e mente, libertando os participantes de condicionamentos e automatismos impostos pela sociedade repressora em que vivemos (Boal, 1998, p. 16).

Para iniciar esse processo, apresentei aos estudantes os seguintes jogos teatrais que iríamos explorar ao longo das aulas, destacando suas funções dentro da pesquisa: a Máquina de Ritmos; Tema Amor e Ódio; Completar a Imagem; e Ativando Vários Sentidos. Cada um desses jogos foi previamente explicado em detalhes, garantindo que os participantes compreendessem não apenas suas dinâmicas, mas também sua relevância no processo teatral.

Além disso, as atividades foram conduzidas de forma progressiva em cada encontro, permitindo que os estudantes experimentassem gradualmente os desafios propostos e pudessem perceber, na prática, as transformações em seus corpos e na construção de imagens coletivas. Essa fase preparou o grupo para um maior aprofundamento na exploração imagética, conectando-se diretamente com a etapa seguinte, que ampliaria ainda mais a investigação sobre o uso do corpo e da expressão no espaço cênico.

Iniciamos a primeira aula com um alongamento em sala, seguido de um deslocamento pelo espaço para que os estudantes tomassem consciência corporal e se preparassem para os exercícios. O primeiro jogo realizado foi a Máquina de Ritmos, como consta na Figura 11, que, devido à indisponibilidade do espaço externo, ocorreu na área de circulação da biblioteca.

Figura 11- Jogo/exercício máquina de ritmos



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Esse exercício consiste na construção coletiva de uma grande engrenagem imaginária. Um dos participantes inicia deslocando-se até o centro do grupo e se torna a primeira peça da máquina, realizando um movimento repetitivo com o corpo e produzindo um som correspondente. Em seguida, um a um, os outros estudantes se juntam ao jogo, cada um adicionando um novo movimento e um novo som, de forma que a máquina se torne cada vez mais complexa e interligada.

Durante o exercício, pedi que os estudantes acelerassem o ritmo até que a máquina estivesse prestes a explodir. Nesse momento, solicitei que a primeira peça reduzisse o ritmo gradativamente, levando todos a desacelerar juntos até o encerramento do jogo.

Após essa atividade, retornamos para a sala de aula e realizamos um diálogo sobre a experiência. Fiz as seguintes perguntas aos estudantes: O que sentiram ao realizar os movimentos? Como foi essa experiência? Os estudantes demonstraram certa timidez no início, o que considero um aspecto natural do processo.

O teatro, especialmente dentro da proposta do T.O, exige um tempo de adaptação, e esses momentos iniciais são essenciais para que os estudantes se sintam mais à vontade e confiantes. Durante essa conversa, registramos nossas percepções e reflexões no portfólio, documentando as aprendizagens e os desafios dessa prática.

No segundo jogo/exercício, realizamos o tema amor e ódio, como consta na Figura 12, na área externa, onde acontecem as oficinas do integral. Devido ao espaço ser bem maior, conseguimos fazer o exercício sem nos preocupar com o barulho dos sons. Esse exercício é

uma variante da máquina de ritmos com o qual todos os participantes devem imaginar uma máquina de ódio, depois, uma de amor. Pensando sempre em ser uma parte de uma engrenagem e não de um ser humano.

Figura 12- Estudante realizando o jogo a máquina de amor e ódio



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Dando continuidade às atividades, realizamos o terceiro exercício, chamado Completar a Imagem, que possui diversas possibilidades de interpretação. O jogo começou com duas estudantes se cumprimentando e apertando as mãos, momento em que a imagem foi congelada.

A partir disso, pedi ao grupo que sugerisse possíveis significados para aquela cena: poderia representar um encontro de negócios, uma despedida definitiva, um acordo sendo selado, entre outras interpretações.

Esse exercício reforça a ideia de que as imagens são polissêmicas, ou seja, seus significados não dependem apenas da cena em si, mas também do olhar e da percepção dos observadores.

Figura 13- Estudantes realizando o jogo/exercício completar a imagem



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Nesse jogo, como consta na Figura 13, propus aos estudantes que criassem cenas que representassem relações de opressores e oprimidos, inspirando-se nos personagens do Auto do Bumba Meu Boi, como Pai Francisco, Catirina e os demais integrantes dessa narrativa.

A partir dessa proposta, os estudantes passaram a construir imagens que simbolizavam conflitos, injustiças e dinâmicas de poder presentes na narrativa que pode ser explorado tanto como uma ferramenta pedagógica quanto uma forma de expressão artística.

Figura 14- Estudantes realizando o completando a imagem.



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Percebi que, nesse momento, os estudantes, como consta na Figura 14, já estavam muito mais à vontade em sala, o que me deixou bastante satisfeita, pois refletia o envolvimento deles e o impacto positivo das etapas desenvolvidas até ali.

O quarto exercício, chamado Memória dos Sentidos, foi escolhido por sua forte relação com memória, emoção e imaginação. Trata-se de um exercício de lembrança sensorial, no qual cada participante é incentivado a reviver experiências passadas com riqueza de detalhes.

Para iniciar, os estudantes se sentaram calmamente em cadeiras, buscando um estado de relaxamento total. Em seguida, orientei-os a movimentar cada parte do corpo de forma isolada, mantendo os olhos fechados.

Após essa preparação, comecei a guiá-los na recordação dos acontecimentos da noite anterior, desde os momentos antes de dormir até os mínimos detalhes que conseguissem lembrar.

O objetivo era que cada aluno explorasse suas sensações corporais e emocionais associadas às memórias. Durante o exercício, como consta na Figura 15, pedi que tentassem

reviver aspectos como gostos, cheiros, sons, texturas, cores, profundidade e melodias estimulando uma experiência sensorial completa.

Figura 15-Estudantes construindo a imagem memórias e sentidos.



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Esse momento abriu espaço para que conectássemos o exercício à história de Catirina, personagem do Bumba Meu Boi, especialmente em relação ao seu desejo de comer a língua do boi. Ao recordar experiências cotidianas, como o sabor de uma comida específica, a sensação de um banho tomado ou a lembrança de uma caminhada, os estudantes puderam compreender, de forma sensível e vivencial, como desejos e memórias influenciam na construção de uma narrativa teatral.

Figura 16- Realização do jogo memória dos sentidos- desejo.



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Essa sequência de jogos/exercícios, como consta na Figura 16, foi essencial para fortalecer a percepção corporal, a expressividade e a imersão dos estudantes na construção da dramaturgia, preparando-os para as etapas seguintes da pesquisa.

Chegamos à terceira etapa do processo, marcada pela tão esperada visita ao Museu da Maioba. Os alunos estavam ansiosos para esse momento e, dias antes, já me faziam diversas perguntas, demonstrando curiosidade e entusiasmo: “Professora, como é lá? Vai ter brincadeira? O que a gente vai ver no museu?”

Essa experiência teve um significado ainda maior, pois esse espaço já faz parte da minha trajetória há um bom tempo. Eu sabia que a visita não seria apenas um passeio, mas sim uma imersão cultural que possibilitaria novas conexões entre os estudantes e a rica tradição do Bumba Meu Boi da Maioba.

A visita ocorreu no dia 23 de outubro de 2024, às 10h da manhã. Os alunos foram transportados no ônibus escolar, acompanhados pela equipe gestora da escola, composta pela Sr.^a Ellen Reis e pela Sr.^a Euzamar Reis, supervisora pedagógica, além de três monitores que

auxiliaram no percurso. Eu já os aguardava no Viva Maioba²², como consta na Figura 17. Nossa visita seguiu um roteiro previamente planejado e, ao chegarmos, fomos recebidos por Vitória Ribeiro, integrante da diretoria do Boi e responsável pelas indumentárias de todo o corpo brincante da manifestação cultural.

Figura 17- Viva Maioba. A esquerda o barracão com homenagem a Calça Curta na parede lateral e a direita a Capela de São João.



Fonte: <https://www.instagram.com/maiobaoteen/reel/DDqLegvviQ-/>. Acesso: 10 fev. de 2025

Vitória Ribeiro nos apresentou o espaço e compartilhou histórias fascinantes sobre a tradição do Bumba Meu Boi da Maioba. Ela nos contou sobre sua relação com a brincadeira, destacando que vem de uma família de brincantes, sendo filha de um integrante já falecido. Explicou como sua família, incluindo filhas e netas, continua participando ativamente desse movimento cultural. Entre os relatos, destacou a história do saudoso Calça Curta²³, João de

²² A nomenclatura Viva contida em Viva Maioba faz referência ao projeto de revitalização realizado em algumas praças no período em Roseana Sarney exerceu a função de governadora no governo do Estado do Ma. Fica localizado na Estr. da Maioba, 392-418 - Vila Maioba do Jenipapeiro, Paço do Lumiar - MA, 65130-000. Disponível em : <https://www.benditoguia.com.br/empresa/viva-maioba-paco-do-lumiar-ma>. Acesso em: 11 fev. de 2025.

²³ Nos anos 50 eles deram continuidade a brincadeira, passando por vários bairros como: Sítio Grande, Itapiracó e Trizidela e tantos outros. Relato do presidente José Inaldo Ferreira, obtido via mensagem de áudio no aplicativo WhatsApp, em 10 de fevereiro de 2025.

Chica e Dona Vó, pai do atual presidente da brincadeira, Zé Inaldo Ferreira, ressaltando a importância de sua trajetória para a consolidação do grupo. Os estudantes ouviram atentamente cada fala, registrando anotações para não perderem nenhuma informação importante.

Figura18-Visita dos estudantes ao Museu Maioba.



Autora: Arquivo Pessoal Euzamar Reis (2024).

Nesse momento, como consta na Figura 18, os alunos ouviram muitas histórias, demonstrando interesse e que estavam bem à vontade com a visita, fazendo algumas perguntas: “O espaço fica sempre fechado?” “A senhora mora perto daqui?”.

No Viva Maioba existem três espaços principais: o Barracão, onde ficam as indumentárias e os bonecos-bois; a capela de São João e o Museu, que abriga a memória da brincadeira, desde sua fundação até sua consolidação como uma das manifestações mais fortes do município de Paço do Lumiar/Ma.

Para proporcionar uma experiência mais dinâmica, dividimos a visita em dois momentos. No primeiro momento, exploramos o Barracão, também sede do Bumba Meu Boi da Maioba, onde os alunos puderam tirar fotos, experimentar as vestimentas, brincar de miolo do boi, como consta na Figura 19, e estabelecer relações entre o que viam e o que já havíamos trabalhado em sala de aula.

Figura 19- Estudantes brincando com o boneco boi e a burrinha.



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

A curiosidade era evidente, e logo começaram a surgir perguntas empolgadas: “Como eles conseguem carregar toda essa roupa no corpo?”, “Quanto tempo eles aguentam vestidos assim?”. Essas indagações demonstravam o encantamento dos estudantes ao terem um contato mais próximo com os elementos dessa expressão cultural em canto, dança e percussão de tambores, matracas e pandeirões.

No segundo momento, seguimos para o Museu, onde puderam conhecer mais sobre a origem da brincadeira e sua evolução ao longo dos anos. Durante a observação das vestimentas expostas, os alunos fizeram associações espontâneas, como a relação entre a figura de Pai Francisco, como consta na Figura 20, e personagens do cotidiano da cidade de Raposa, percebendo semelhanças nas roupas expostas nos manequins.

Figura 20- Estudante e os personagens Pai Francisco e Catirina



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Além disso, personagens da história do Bumba Meu Boi ressaltam elementos essenciais dessa tradição, trazendo à tona personagens icônicos como Pai Francisco e Catirina. No período do São João, as apresentações envolvem diferentes técnicas de atuação e performance teatral, que variam de acordo com os diferentes sotaques do Bumba Meu Boi, como destaca Borralho:

Embora se possa acreditar que a classificação de que se fala engendrou-se na capital do Estado, ou de grupos que migraram das distintas regiões e trouxeram seus ritmos, formas ritualísticas de brincar, figurinos, instrumental etc. e que, em São Luís, naturalmente, embora tenham mantido traços característicos de suas tradições rurais, sofreram adaptações consideráveis de acomodação cultural (Borralho, 2020, p.46).

Dessa forma, percebemos as diversas representações sociais e culturais que estão presentes no Bumba Meu Boi, as quais nos trazem as diversas etnias que fazem parte da formação do povo maranhense como caboclos, indígenas, negros escravizados e brancos colonizadores, bem como curandeiros que fazem parte da cultura africana. Tais representações socioculturais constituem formas de teatralidade que podem ser exploradas no âmbito da educação, particularmente nas aulas de Arte/Teatro.

O estudo e a prática dessas formas de teatralidade colaboram no desenvolvimento de elementos pedagógicos, tais como a expressão corporal, a musicalidade, a improvisação, a narratividade e a oralidade, ao mesmo tempo que estimulam a reflexão crítica sobre as questões sociais e históricas intrínsecas nessas manifestações.

Conforme pode ser observado na Figura 21, as estudantes ficaram totalmente envolvidas, vestiram os chapéus de fita, um dos elementos da indumentária dos vaqueiros. Demonstraram curiosidade em experimentar tal indumentária e compreender como os brincantes os utilizam durante a brincadeira, e que cada detalhe nos bordados em miçanga, cujo desenho tem um significado para o/a brincante que o utiliza, carregando consigo durante o ano nas apresentações.

Figura 21- Estudantes utilizando o chapéus de fitas, usados pelos caboclos de fitas.



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

As estudantes demonstraram também o interesse em vestir os chapéus de fita em formato de meia lua na parte frontal com bordados, e esse interesse revela algo essencial; que as indumentárias não são apenas adornos, mas elementos profundamente atrelados à narrativa desse teatro popular e sua riqueza. Elas carregam símbolos, histórias e identidades que fazem parte da tradição do Bumba Meu Boi, conectando quem as veste com a memória coletiva e a ancestralidade desse patrimônio cultural.

Segundo Carvalho (2009), essas manifestações são ricas em simbolismo e estão repletas de elementos performáticos, musicais, e visuais que revelam a criatividade e a sabedoria popular. Ao serem inseridas no ensino de Arte, elas proporcionam aos estudantes uma conexão mais direta e significativa com a cultura popular, permitindo que compreendam e valorizem as tradições e saberes locais.

A visita teve duração aproximada de duas horas e, ao final, após os registros fotográficos, os alunos retornaram à escola. No período da tarde, tivemos um encontro para realizar o registro da experiência em seus portfólios. Durante essa atividade, compartilhamos reflexões sobre o que vivenciamos no museu, e aproveitei para contar um pouco da minha própria história com a brincadeira. O momento foi descontraído, repleto de risadas e troca de experiências, consolidando ainda mais o aprendizado adquirido ao longo dessa etapa.

Figura 22- Estudantes do 9º ano no Viva da Maioba.



Fonte: Arquivo Pessoal de Euzamar Reis (2024).

Aqui, como consta na Figura 22, nesse momento deixamos o nosso até logo, no sentido de que essa experiência tenha sido proveitosa na vida de cada um. E poder desfrutar desse momento com os estudantes foi muito enriquecedor, no sentido de reconhecer a importância da frequência a espaços, museus e centros culturais como uma importante dimensão do ensino da Arte, contemplada nas orientações curriculares.

Desde os PCN 1998, os professores/as devem criar possibilidades de os estudantes posicionarem-se com sensibilidade e corresponsabilidade em relação “à conservação e degradação de patrimônios artísticos existentes nos locais em que as pessoas moram, trabalham, divertem-se, estudam ou em outras regiões” (Brasil, 1998, p. 39)

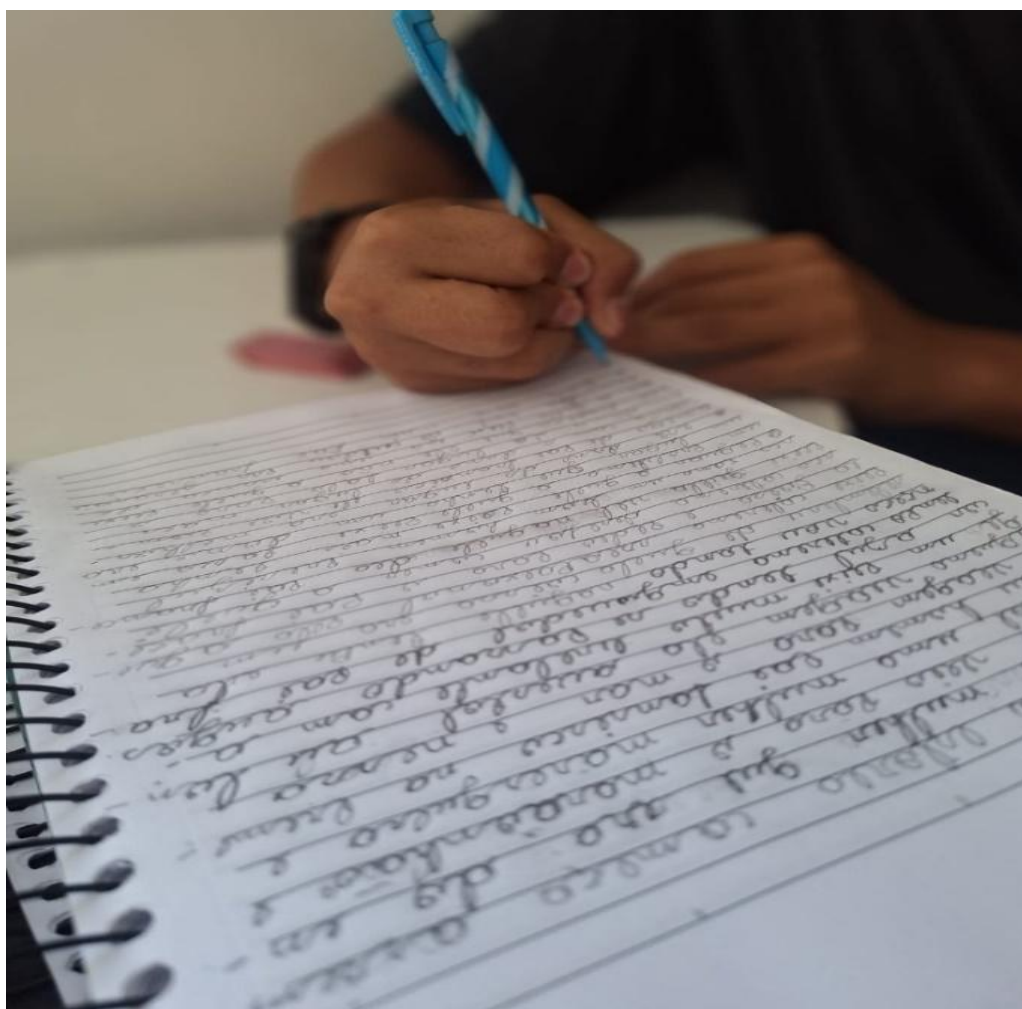
Após a visita ao Museu da Maioba, retomamos nossas atividades em sala de aula para dar seguimento ao nosso processo. Iniciamos com um diálogo reflexivo sobre a experiência vivida, permitindo que os alunos compartilhassem suas impressões e percepções. Em seguida, organizei os grupos para que cada equipe pudesse desenvolver a escrita da história, que iriam adaptar para a apresentação teatral, conforme pode ser observado no ANEXO A. Antes desse momento de criação, fiz uma retrospectiva de tudo o que havia trabalhado, desde a primeira etapa, reforçando a importância do registro no portfólio, conforme consta no ANEXO C.

Expliquei que esse registro não deveria ser apenas um relato do que ocorreu, mas principalmente um espaço para expressarem suas reflexões e sentimentos sobre a vivência. Até esse ponto do processo, já tínhamos acumulado diversas experiências, e cada detalhe era fundamental nessa reta final.

Discutimos em conjunto como seria a adaptação da história, de que forma ela poderia se conectar com a realidade dos estudantes e como poderiam inserir suas vivências e memórias, incluindo relatos que já haviam ouvido de seus pais, avós e tios. O objetivo era criar um enredo significativo, que representasse a cultura e as experiências de cada um. Na aula seguinte, mantive os grupos e demos início ao processo de escrita. Cada equipe trabalhou na construção do seu texto, e, após a conclusão da primeira versão, solicitei que um dos estudantes fizesse a leitura em voz alta para toda a turma.

Esse momento foi essencial para fazermos ajustes coletivamente, aprimorando a estrutura do texto e garantindo que todos compreendessem bem a narrativa que estavam construindo, como consta na Figura 23. Depois de todas as adaptações necessárias, finalizamos a escrita e agendamos o primeiro ensaio, dando início à quarta e última etapa do processo.

Figura 23-Registro da criação textual do Auto do Peixe Azul



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Com o enredo definido, iniciamos os ensaios com os estudantes que se sentiram à vontade para participar. A escolha dos personagens foi feita de forma espontânea, respeitando as afinidades de cada um, em que os próprios estudantes decidiram seus papéis e ajudaram os colegas a identificarem qual personagem se encaixava melhor, como consta na Figura 24. Desde o início, deixei claro que não haveria seleção ou imposição; o mais importante era que cada participante se sentisse confortável e motivado a interpretar seu papel.

Figura 24-Discussão sobre a criação dos personagens I



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

No primeiro ensaio, realizamos exercícios de respiração, concentração e deslocamento no espaço da sala. Esses exercícios ajudaram os estudantes a relaxar e a se familiarizarem com seus personagens, permitindo que, aos poucos, fossem construindo suas interpretações e impressões. Como o texto havia sido escrito em grupo, as histórias apresentavam semelhanças, e, por isso, optamos por unificar as ideias em um único roteiro.

Fiz ajustes no texto para facilitar a leitura e compreensão, levando em consideração que alguns estudantes ainda enfrentam dificuldades na leitura e na escrita. Cabe pontuar que trabalhar com teatro na educação básica tem muitos desafios, e a questão da alfabetização é um dos mais significativos.

Seguimos para a construção do figurino e do cenário. Confesso que, nessa etapa, eu já estava bastante ansiosa, pois, de acordo com a descrição do texto, já imaginava como seriam os figurinos e quais elementos comporiam o cenário.

Então, fui até a loja comprar os materiais para que a costureira pudesse criar o peixe exatamente como foi descrito pelos estudantes. Quanto ao figurino dos alunos — calças, camisas de manga longa, chapéus de palha, vestidos, acessórios e sacolas —, baseei-me nas

características de cada personagem. Felizmente, já possuía essas peças em meu acervo de figurinos de outras encenações teatrais que realizei anteriormente.

Em seguida, busquei dar vida à arte do cenário, criado pelo designer Neilson Mendes, que compreendeu bem o enredo do texto e desenvolveu a arte para o backdrop de fundo. Esse backdrop foi fixado com um grid (estrutura de metal utilizada para esticar a lona) e complementado com alguns materiais artesanais feitos pelos alunos. O curral, por exemplo, foi confeccionado com isopor, palitos de churrasco e tela. Além disso, conseguimos alguns elementos adicionais para compor o cenário por meio da Associação das Rendeiras. A Marilene Moreira, gentilmente, nos emprestou um barco e coletes de renda.

Quanto à sonorização, utilizamos uma caixa de som e dois microfones, e a iluminação foi feita com jogos de luz, o que contribuiu bastante para a composição visual da encenação.

Não posso deixar de mencionar que todos os recursos utilizados para a encenação partiram de mim, desde o custeio da criação do peixe até a confecção do cenário de fundo, incluindo as lonas e o aluguel do grid. Considero importante destacar esses aspectos, pois, muitas vezes, nós, professores, vamos além do nosso papel em sala de aula. Precisamos buscar, nos esforçar e realmente querer fazer para que tudo aconteça.

Ao todo, realizamos seis ensaios, sendo quatro no turno da tarde e dois pela manhã. Embora meu horário de trabalho fosse apenas no período vespertino, precisei encaixar os ensaios matutinos para garantir que tudo estivesse pronto na data marcada para a culminância e apresentação. Nossa apresentação estava prevista para o dia 02 de dezembro de 2024, e escolhi uma semana especial para a encenação: o período em que a escola completaria 40 anos de existência. Esse contexto trouxe ainda mais significado ao nosso Projeto, tornando-o um evento de celebração e aprendizado.

Figura 25-Discussão sobre a criação dos personagens II



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Após os ensaios e toda a prática corporal, como consta na Figura 25, desenvolvida em sala de aula por meio de jogos e exercícios teatrais, finalmente chegou o dia da culminância do trabalho, com a apresentação do *Auto do Peixe Azul: uma história que te contaram*.

A apresentação ocorreu no dia 02 de dezembro de 2024, no pátio da escola, e foi dividida em dois momentos. No primeiro, tivemos a participação dos estudantes dos 8º anos, e no segundo, foi a vez dos estudantes dos 9º anos. Essa divisão se fez necessária devido ao alto número de alunos na escola, garantindo que o espaço estivesse adequado para a apresentação e que todos pudessem assistir confortavelmente.

Iniciamos às 16h, contando com a presença da Coordenadora Geral dos Anos Finais da SEMED de Raposa, Bruna Soares que representou a Secretaria de Educação do município. Além dela, estiveram presentes professores, equipe gestora, funcionários administrativos e operacionais, além, é claro, dos estudantes, que participaram ativamente do evento.

A apresentação teve início com a narração da história, conduzida pela estudante Maysa Leonez, que fez a abertura de todo o processo. Em seguida, demos continuidade à encenação das cenas, intercaladas com a paródia *Mariazinha e o Sonho do Peixe Azul*, conforme consta

no ANEXO C, inspirada na letra da música *Catirina*²⁴, o que trouxe ainda mais poesia à apresentação. Cada cena foi interpretada pelos integrantes da encenação, e os estudantes que assistiam interagiam ativamente, vibrando e aplaudindo cada momento.

Figura 26- Fragmento²⁵ da encenação *O Auto do Peixe Azul*



Fonte: Elaborado por Rivaldo Alves 2025.

Um dos momentos de maior destaque foi a aparição do Peixe Azul, como consta na figura 26, que, em determinado momento, saiu correndo pelo pátio, arrancando risadas e exclamações do público. Os estudantes reagiram animadamente, utilizando expressões típicas da comunidade, como "É isso aí, má?", um termo bastante comum entre os jovens de Raposa, utilizado como uma forma de saudação ou surpresa. Esse detalhe foi tão significativo que, inclusive, esse termo foi incorporado ao texto escrito pelos próprios alunos, valorizando ainda mais a identidade local dentro da encenação.

Após as duas apresentações, realizamos um momento de agradecimento a todos que estiveram presentes na escola, reconhecendo o esforço e dedicação dos envolvidos no projeto. Ao final, aproveitei a oportunidade para fazer um pedido especial à representante da Secretaria de Educação: a inclusão de um espaço permanente para Arte e Teatro na escola, possibilitando que iniciativas como essa se tornem atividades regulares, ampliando o acesso dos estudantes a experiências artísticas e culturais tão ricas e transformadoras.

Ao longo desse processo, reafirmei a convicção de que fazer teatro na escola é muito mais do que ensinar técnicas de interpretação. Trata-se de criar possibilidades, estimular a criatividade e proporcionar aos estudantes um espaço de expressão e construção coletiva. Todo o investimento realizado na construção desse trabalho partiu de mim, desde a organização dos

²⁴ Música *Catirina* composição de Josias Sobrinho.

²⁵ O leitor deverá ler o QR Code para visualizar este vídeo.

materiais até a viabilização dos ensaios, muitas vezes ultrapassando os recursos disponíveis na escola.

Esse esforço reflete uma realidade comum a muitos professores que, ao desejarem transformar a experiência educacional de seus estudantes, não medem esforços para tornar o aprendizado mais significativo. Somos agentes transformadores, e, apesar dos desafios, precisamos seguir em frente, acreditando que cada iniciativa, por menor que pareça, pode fazer a diferença na vida de nossos estudantes.

4 RESULTADOS ARTÍSTICOS, ESTÉTICOS, SOCIAIS E POLÍTICOS

Ao longo dessa jornada, percebi como essa experiência contribuiu para o desenvolvimento artístico, crítico e reflexivo dos alunos. Integrar o Teatro do Oprimido ao ambiente escolar não apenas enriqueceu o currículo, mas também proporcionou um espaço de expressão, empoderamento e transformação social.

Por meio de processos que envolvem ouvir/reflexão, os alunos desenvolvem a capacidade de analisar suas próprias experiências e as estruturas que os cercam; ver/observação estimula o olhar crítico sobre as dinâmicas sociais e culturais; sentir/engajamento comunitário fortalece os laços de pertencimento e a construção coletiva; e perceber/conscientização social amplia a compreensão das desigualdades e a busca por transformações.

A história do Bumba Meu Boi é concebida principalmente por meio da oralidade, o que destaca a importância da narrativa como, em um processo que se alinha à pedagogia freiriana de valorização da experiência e do conhecimento prévio do estudante. Esse aspecto é evidenciado no relato da estudante que atuou como Catirina.

Interpretar o papel foi engraçado pra mim, mais ao mesmo tempo eu pensava como podia ser qualquer pessoa que tem tantos desejos. Aqui eu senti um desejo rsrsr de ser a Maria a Mariazinha como o zé me chamava. Quando a professora falava pra gente sobre a história do bumba meu boi eu ficava pensando como era. (Estudante A, 2024)²⁶

Assim, o sentir e o engajamento comunitário refletem na encenação e dramatização da história, com seus personagens facilitando a compreensão e a discussão de temas complexos do nosso cotidiano, o que possibilita aos estudantes realizarem reflexões e debates sobre questões sociais contemporâneas.

Além disso, o fazer teatral, quando atrelado às histórias e vivências individuais dos alunos, proporciona uma riqueza da narrativa ainda maior. Essa relação deu ênfase à construção da história escrita durante as oficinas, tornando o processo mais significativo e próximo da realidade dos participantes. Dessa forma, o fazer teatral se transforma em um espaço de expressão, pertencimento e construção coletiva.

²⁶ Os relatos dos estudantes foram identificados com a nomenclatura Estudante acrescida de uma letra do alfabeto, pois não foi solicitado à autorização para citar os seus nomes nesta pesquisa.

Figura 27- Cena peixe azul na rede



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Nesta etapa, como consta na Figura 27, utilizei alguns elementos do Teatro-Imagem, uma das técnicas centrais do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, explorei narrativas através de expressões visuais e corporais, criando um espaço de participação. Nessa abordagem, a prática teatral se conecta diretamente com o fazer artístico ao confeccionar os elementos necessários para a encenação.

Quando fui fazer o personagem fiquei com medo de todos rirem de mim porque nunca tinha feito nenhuma apresentação na escola, mais depois eu fui vendo que o texto era engraçado e eu comecei a fazer de conta que não era eu ali mesmo sabendo que eu escrevi uma parte do texto pra apresentação. Eu tinha medo de dar errado mais deu tudo certo. A professora ensaiou bastante com a gente e nervosismo passou (Estudante B, 2024).

Maria Lúcia de Souza Barros Pupo, em sua obra *Teatro e Educação: uma relação transformadora*, reforça a ideia de que “o teatro na escola deve ser compreendido como um espaço de criação coletiva, onde as experiências individuais e coletivas dos alunos encontram voz e expressão” (Pupo, 2001, p. 45). Essa criação coletiva é fundamental para a construção de

uma educação que não apenas informa, mas que também forma sujeitos críticos, capazes de intervir no mundo ao seu redor.

O ensino de Arte, especialmente no contexto do teatro, é uma para a construção de uma educação libertadora, tal como defendida por Paulo Freire. As bases legais que sustentam o ensino de arte no Brasil, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), fornecem um arcabouço importante para que o teatro seja integrado ao currículo escolar, contribuindo para a formação crítica e criativa dos estudantes.

Segundo a LDB, "o ensino de arte, especialmente em suas expressões regionais e nacionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica" (Brasil, 1996, Art. 26, § 2º). Isso significa que o teatro, como uma das linguagens artísticas, deve ser trabalhado de maneira sistemática nas escolas, oferecendo aos estudantes oportunidades de vivenciar, criar e refletir sobre suas experiências e as realidades sociais que os cercam.

Nessa perspectiva de uma educação libertadora, o teatro assume um papel central. Augusto Boal, em seu livro *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*, afirma que "o teatro é uma linguagem através da qual é possível, não só representar a realidade, mas sobretudo transformá-la" (Boal, 2013, p. 21). Por meio de práticas teatrais, os estudantes podem explorar questões sociais, culturais e políticas, desenvolvendo uma consciência crítica que os capacita a agir sobre o mundo, e não apenas a adaptar-se a ele.

Essa transformação pôde ser observada diretamente durante os ensaios, nos quais os estudantes vivenciaram o teatro como uma ferramenta de expressão e empoderamento. Ao se apropriarem do espaço cênico e interagirem com seus colegas, perceberam que o teatro vai além da simples interpretação de um roteiro: ele se torna um caminho para dar voz às suas experiências e expressar suas identidades.

É nesse sentido que Paulo Freire, referência maior em educação libertadora, argumenta que "não há saber mais, nem saber menos: há saberes diferentes" (Freire, 1996, p. 24). Essa ideia pode ser aplicada ao teatro na educação, em que as diferentes vivências dos alunos são valorizadas e utilizadas como ponto de partida para a criação teatral. O teatro, nesse sentido, não é apenas uma disciplina artística, mas uma prática pedagógica que promove o diálogo, a reflexão e a transformação social.

Esse movimento de descoberta e experimentação reflete a essência do teatro enquanto prática libertadora, pois não apenas amplia a imaginação e a criatividade dos estudantes, como também os incentiva a agir de forma mais crítica e ativa no mundo ao seu redor.

Figura 28- Cena com os personagens Zé Chico e seu Ambrósio.



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Nessa etapa de diálogo entre os personagens, conforme ilustrado na Figura 28, o ensaio se mostrou uma experiência profundamente significativa para os estudantes. Eles se sentiram à vontade durante a apresentação, demonstrando envolvimento e segurança, ao interpretar seus papéis. Esse momento, além de fortalecer a expressividade cênica, permitiu que cada aluno estabelecesse uma conexão mais autêntica com a narrativa construída coletivamente.

Outro aspecto essencial a ser destacado é a importância dos exercícios e jogos teatrais ao longo do processo. Essas atividades foram fundamentais para o desenvolvimento da criatividade, da improvisação e do senso de grupo. Percebi que os estudantes frequentemente faziam referências aos jogos praticados nos ensaios, utilizando-os como suporte para suas performances e interações no palco.

Nesse sentido, o ensino de Arte, especialmente o teatro, ocupa um espaço significativo na educação básica, conforme preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Para o 9º ano do ensino fundamental, a BNCC estabelece que o ensino de Arte deve promover o desenvolvimento da sensibilidade, da expressão criativa e do pensamento crítico dos estudantes, preparando-os para uma participação ativa e consciente na sociedade. Conforme a narrativa do estudante interpretando Seu Ambrósio (Dono do Curral):

Quando os meninos disseram que eu tinha cara de ser o dono do curral de peixe me achei importante eu nunca tinha apresentado nada na escola me acho tímido, mas eu acho que levei jeito rsrs. Me achei importante, ser dono de Curral aqui na raposa é ter condição rsrsr. Eu nunca tinha interpretado nada antes, foi bom né má? (Estudante C, 2024).

É notório como esse tipo de atividade possibilitou aos estudantes reconhecerem a importância da sua história na comunidade, e, numa simples cena, o estudante conseguiu relacionar a situação vivida na cena com o cotidiano da comunidade, bastante explícito no fragmento “[...]ser dono de Curral aqui na Raposa é ter condição rsrsr”. Desta forma, Desgranges (2011, p. 71) destaca que “os temas abordados, nessa e em outras técnicas do teatro do Oprimido, devem estar diretamente relacionados com o cotidiano da comunidade onde acontece o evento.

Por ser uma comunidade que tem a pesca como principal atividade, essa temática está frequentemente presente nas diversas produções realizadas na escola. Durante o processo, uma situação chamou a atenção: a aluna que interpretaria o personagem Peixe Azul desistiu do papel após sentir-se constrangida pelos colegas, que começaram a chamá-la de *sardinha* de forma pejorativa.

Diante disso, foi necessário intervir com a turma, promovendo um diálogo para que compreendessem o impacto negativo dessas brincadeiras. Expliquei que esse tipo de atitude poderia afastar a aluna do processo teatral e comprometer sua participação na atividade. Após essa conversa, a turma refletiu sobre a importância do respeito e da valorização de cada participante.

Como consequência dessa situação, tivemos que adaptar a peça, e um outro estudante, que demonstrou interesse, assumiu o papel do Peixe Azul. Essas mudanças fazem parte do processo teatral e ocorrem com frequência, como destacam Fonseca e Nascimento (2022, p. 190-191) “[...] esse processo demonstra a importância de o docente/encenador compreender que as propostas iniciais de encenação podem sofrer alterações, sendo necessária certa expertise para encontrar as soluções e propor ajustes.”

A experiência reforçou a importância de um ambiente acolhedor e respeitoso para que todos se sintam confortáveis em explorar sua criatividade e expressão no teatro.

Figura 29- Cena com o personagem Peixe Azul



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Na composição dessa cena, como consta na figura 29, o estudante D (2024) mencionou que “No início, tive muita vergonha porque os meus colegas riam de mim rsrs, depois eu não tive vergonha e fui”.

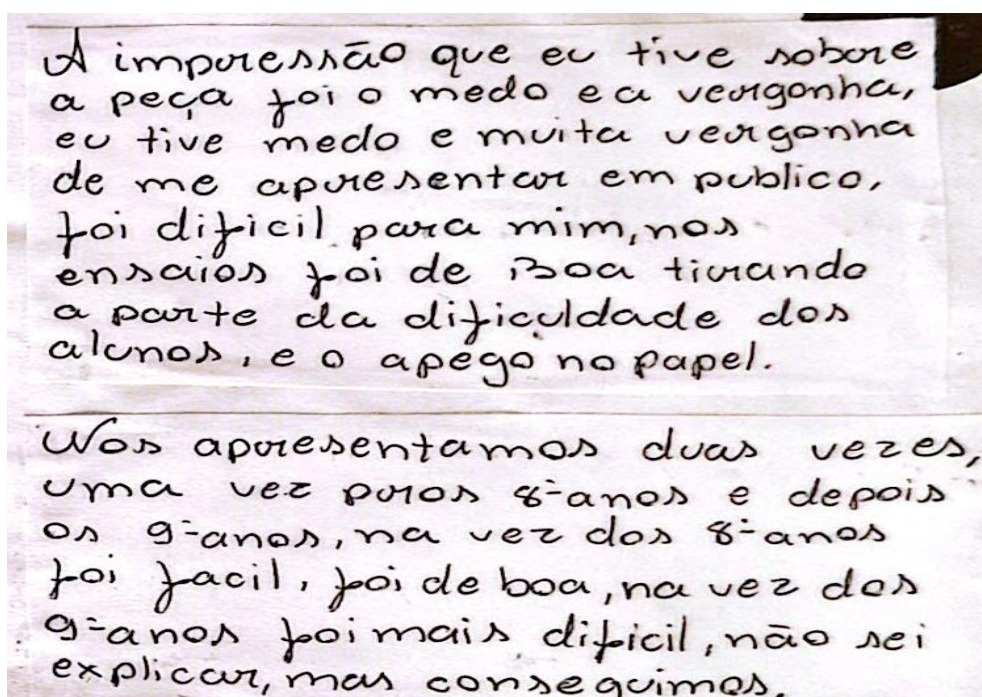
O fazer teatral permite que o estudante compreenda que fazer teatro na escola vai além da simples encenação; é um processo de aprendizado contínuo. Nem sempre estamos completamente preparados para cada situação, mas o teatro nos ensina a lidar com imprevistos, expressar emoções e superar desafios. Mais do que representar personagens, é um exercício de experimentação, autoconhecimento e crescimento, no qual cada experiência contribui para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Ao longo do processo educativo, ficou evidente que as atividades da proposta didática em sala de aula, especialmente com o enfoque no Bumba Meu Boi, permitiram aos estudantes

uma compreensão ampliada do contexto cultural dessa manifestação, possibilitando aos estudantes um nível mais profundo de envolvimento. Não mais meros receptores de informações, eles/as assumiram o lugar de “espect/atores”, participantes críticos no processo de construção do conhecimento.

Esse conceito, que subverte a relação tradicional de ensino e aprendizagem, permite que estudantes não apenas observem, mas também intervenham criticamente na realidade que os cerca, conforme consta na figura 30.

Figura 30- Fragmentos do relato da estudante E



Fonte: Arquivo Pessoal de Morgana Lobão (2024).

Todo o trabalho de pesquisa dentro de um contexto educacional leva a um nível mais profundo de envolvimento, onde os/as estudantes deixam de ser meros receptores de informações e assumem um papel crítico e participativo no processo de aprendizagem. Essa abordagem transforma a relação tradicional de ensino, ao permitir que os/as estudantes intervenham ativamente na realidade, desenvolvendo habilidades de análise, reflexão e ação transformadora.

A implementação do Teatro Imagem, uma das técnicas do Teatro do Oprimido, no 9º, possibilitou percepções e emoções através de imagens corporais, permitindo uma exploração simbólica e visual durante todo o processo de pesquisa. A reflexão foi promovida de forma mais intensa, alinhando-se ainda mais aos princípios de Paulo Freire, para o qual o

conhecimento é construído através do diálogo e da interação entre as diferentes vozes presentes na sala de aula.

Essa mudança na prática pedagógica reflete uma transformação no entendimento e na valorização dos saberes populares, com os/as alunos/as se reconhecendo como agentes ativos em sua própria formação. Ao se tornarem “espect/atores”, eles/as passaram a ver o Bumba Meu Boi não apenas como um elemento cultural a ser estudado, mas como uma parte viva de sua identidade e de sua história comunitária.

O Teatro Imagem foi a principal técnica metodológica utilizada nessa etapa do trabalho. Nesse jogo teatral, os estudantes foram convidados a construir imagens corporais estáticas que representavam situações-chave do Bumba Meu Boi, explorando temas como o conflito entre classes, o lúdico e o trágico, presentes na narrativa do boi e, principalmente, a resistência cultural do povo maranhense. Essa metodologia promoveu a reflexão sobre a opressão e a emancipação, permitindo que os estudantes compreendessem, de maneira visual e simbólica, as contradições sociais presentes na história do Bumba Meu Boi e em suas próprias realidades.

O uso do Teatro Imagem, como eixo metodológico, encontra ressonância nos ensinamentos de Paulo Freire, que defende a educação como um processo de conscientização e transformação social. Freire afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1987, p. 11) e, nesse contexto, a construção de imagens corporais estáticas no Teatro Imagem permite aos estudantes ler e interpretar criticamente suas realidades, traduzindo simbolicamente os conflitos e contradições sociais.

Ao explorar temas como o conflito de classes e a resistência cultural presentes no Bumba Meu Boi, os alunos participaram de um processo educativo em que. Dessa forma, a atividade promoveu não apenas o aprendizado artístico, mas também o desenvolvimento de uma consciência crítica capaz de identificar opressões e vislumbrar caminhos de emancipação.

Cada estudante, atuando como criador e observador, foi levado a interpretar e transformar as imagens construídas, propondo novas formas de representação e significado. Essa prática proporcionou uma compreensão crítica sobre as narrativas do Bumba Meu Boi, evidenciando o contraste entre a alegria festiva e as lutas sociais subjacentes. Ao criar essas imagens vivas, os estudantes não apenas reproduziam esteticamente o folguedo, mas também se engajavam em uma análise simbólica das estruturas de poder e resistência presentes na tradição.

As atividades realizadas com a turma foram diversificadas e abarcaram diferentes dimensões do aprendizado artístico e cultural. A experiência com o Teatro Imagem, além de

possibilitar a criação de representações visuais significativas, também favoreceu o desenvolvimento de uma postura crítica e ativa por parte dos estudantes o que possibilitou revisitar suas tradições culturais com um olhar questionador, refletindo sobre o papel da cultura como ferramenta de transformação social e pessoal.

Ao mesmo tempo, essas atividades fortaleceram o senso de pertencimento e orgulho cultural dos estudantes, que passaram a enxergar no Bumba Meu Boi não apenas um folguedo festivo, mas uma poderosa expressão de suas raízes e lutas. Em conclusão, as atividades desenvolvidas com a turma do 9º ano demonstraram o potencial transformador de uma abordagem pedagógica que integra a cultura popular ao processo educacional.

Os resultados obtidos, aliados às perspectivas de continuidade e expansão do projeto, indicam que essas práticas podem se tornar um marco na formação educacional dos estudantes, contribuindo para a construção de uma educação mais rica, significativa e culturalmente relevante.

Foi muito legal esse dia aprendi muitas coisas, pois nunca tinha ouvido falar sobre o Bumba Boi da Maioba e a história do pai Francisco e Catirina. Nesse dia foi o melhor dia de todos. Me divertir muito com todos... ouvir histórias que nem sabia que existiam. (Estudante F, 2024).

Verificamos que a narrativa da estudante, ao descrever sobre sua experiência, traz reflexões sobre o perceber e a conscientização social presente na história do Bumba Meu Boi e isto possibilitou discussões sobre tema como opressão, justiça social e resistência, alinhando-se com os objetivos do Teatro do Oprimido.

Assim, é possível promover o diálogo crítico, permitindo que os participantes além de assistirem, também atuem na construção de narrativas de resistência e mudança. De acordo com Almeida Junior e Koudela (2015, p.72):

Desta forma, o professor de teatro pode compreender sua prática pedagógica como o espaço de construção de experiência e significativas com seus estudantes, na medida em que o engajamento na prática teatral pressupõe envolvimento total do indivíduo nos âmbitos do agir sobre as formas, e na reflexão sobre as formas que ele produz ou assiste, individual e coletivamente.

Como docente, essa experiência foi profundamente enriquecedora, trazendo reflexões valiosas para que eu continue minha jornada como docente-pesquisadora e artista. O processo não apenas fortaleceu minha prática pedagógica, mas principalmente reafirmou a importância do teatro como linguagem de expressão, pertencimento e transformação social.

A partir desse processo, pude reafirmar meu compromisso com um ensino mais sensível, dinâmico e significativo, que valoriza a criatividade e o protagonismo dos estudantes.

Além de contribuir para o aprimoramento da minha prática pedagógica, essa vivência se revelou essencial para o desenvolvimento coletivo dentro da escola. Estou certa de que a educação é um processo que se constrói em conjunto e que o conhecimento se fortalece na troca de experiências.

Ao longo dessa pesquisa, ficou evidente o quanto essa prática contribui para o fortalecimento da identidade cultural e para a construção de um ensino mais significativo. O envolvimento dos estudantes no processo foi inspirador, mostrando que a arte é capaz de gerar reflexões importantes e promover mudanças tanto individuais quanto coletivas.

Esse trabalho foi extremamente gratificante e pontual dentro da pesquisa, pois permitiu que teoria e prática se conectassem de maneira natural, resultando em um aprendizado transformador.

Tenho a plena convicção que não fazemos nada sozinhos e que todo o processo vivenciado até aqui me proporcionou aprendizados significativos, tanto no campo acadêmico quanto no pessoal. Esse percurso reafirma o quanto a arte e a educação são fundamentais para o fortalecimento da identidade cultural e para a construção de um ensino mais humano e significativo.

5 CONSIDERAÇÕES DOS PERCURSOS TRILHADOS ATÉ AQUI

Por meio do Teatro do Oprimido, percebi e compreendi, com o olhar de professora da Educação Básica, que a técnica do Teatro Imagem foi fundante para os estudantes, os quais puderam visualizar e interpretar questões atravessadas por opressão escolar e social, permitindo aos mesmos que compreendessem, de maneira visual e simbólica, as contradições sociais presentes na história do Bumba Meu Boi e em suas próprias realidades, reconhecendo o papel da arte na construção de uma consciência crítica.

A atividade teatral proporcionou um espaço de diálogo sobre a opressão e a emancipação, estimulando a compreensão de sua própria realidade e incentivando ações identitárias. Nesse jogo teatral, os estudantes foram convidados a construir imagens corporais estáticas que representavam situações-chave do Bumba Meu Boi, explorando temas como o conflito entre classes, o lúdico e o trágico presentes na narrativa do boi e, principalmente, a resistência cultural do povo maranhense.

Como já antecipado, essa metodologia promoveu a reflexão sobre a opressão e a emancipação, permitindo que os estudantes compreendessem, de maneira visual e simbólica, as contradições sociais presentes na história do Bumba Meu Boi e em suas próprias realidades. O uso do Teatro Imagem como eixo metodológico encontra ressonância nos ensinamentos de Paulo Freire, pois a educação perpassa por um processo de conscientização e transformação social.

E, nesse contexto, a construção de imagens corporais estáticas no Teatro Imagem permitiu aos estudantes ler e interpretar criticamente suas realidades, traduzindo simbolicamente os conflitos e contradições sociais.

Ao explorar temas como o conflito de classes e a resistência cultural presentes no Bumba Meu Boi, os estudantes participaram de um processo educativo em que puderam participar de maneira democrática, aprendendo com o outro e consigo, sob a minha mediação com foco nas suas histórias de vida.

Dessa forma, a prática pedagógica para além de possibilitar o aprendizado artístico, fomentou o desenvolvimento de uma consciência crítica capaz de identificar opressões e vislumbrar caminhos de emancipação.

Além das atividades teatrais, os estudantes se engajaram na produção de textos narrativos e poéticos, inspirados nas lendas, nas suas histórias de vida, bem como de seus antepassados e de personagens emblemáticos do Bumba Meu Boi. Essa atividade possibilitou

habilidades de escrita de forma tímida, mas que permitiu uma imersão profunda na rica tradição oral que sustenta essa manifestação cultural.

A etapa que envolveu a produção desses textos foi acompanhada de uma pesquisa histórica, na qual os estudantes exploraram as origens do Bumba Meu Boi, suas variações regionais e as transformações que essa prática cultural sofreu ao longo do tempo. Essa pesquisa foi essencial para que os estudantes extrapolassem a compreensão do Bumba Meu Boi como apenas uma manifestação artística, mas o entendesse um patrimônio cultural que reflete as identidades e resistências das comunidades envolvidas.

Cada estudante, atuando como criador e observador, foi levado a interpretar e transformar as imagens construídas, propondo novas formas de representação e significado. Essa prática proporcionou uma compreensão crítica sobre as narrativas do Bumba Meu Boi, evidenciando o contraste entre a alegria festiva e as lutas sociais subjacentes. Os resultados evidenciam que o Bumba meu boi por meio do Teatro do oprimido oferece possibilidades significativas para promover a conscientização crítica e o diálogo em sala de aula,

O impacto dessa abordagem vai além do aprendizado formal, estendendo-se para a formação cidadã e o empoderamento cultural. Os/as estudantes do 9º ano, ao contrário de suas experiências anteriores, estão agora engajados em um processo educacional que não só valoriza o conhecimento formal, mas que também integra de forma profunda e significativa as tradições culturais, transformando a sala de aula em um espaço de diálogo crítico e de construção coletiva do saber.

Essa nova fase de práticas pedagógicas evidencia o poder transformador de uma educação que se funda no respeito e na valorização das culturas populares, promovendo uma aprendizagem, que é ao mesmo tempo crítica, libertadora e enraizada na realidade cultural dos/as estudantes.

A reflexão sobre o lugar dos estudantes enquanto “espect/atores” revela a emancipação de uma abordagem educativa que integra teoria e prática, arte, cultura e pedagogia, fortalecendo a identidade cultural e a consciência crítica dos/as estudantes no município de Raposa/MA.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉS, Luiz Phelipe de Carvalho C. **Parecer Solicitação de registro do Complexo Cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão a ser inscrito no livro das Celebrações como Patrimônio Cultural Brasileiro**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer_Bumba%20Meu%20Boi%20MA.pdf. Acesso em: 18 fev.2025.
- ALMEIDA JUNIOR, José Simões de.; KOUDELA, Ingrid Dormien. **Léxico de Pedagogia do Teatro**. 1ª ED. São Paulo: Perspectiva: SP Escola de Teatro, 2015.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BORRALHO, Tácito. **Os elementos animados do Bumba Meu Boi do Maranhão**. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 2020.
- BORRALHO, Tácito. **O teatro do Boi do Maranhão-brincadeira, ritual, gestos e movimentos**. 2012. Dissertação (Doutorado em Arte) - Universidade São Paulo-USP, São Paulo, 2012.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas tecnologias**. Volume 1. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em: 11 fev.2025.
- BRAGA, Ana Socorro Ramos; CARTÁGENES, Silvana Raposo. O desejo de Catirina: o auto do bumba meu boi da Companhia Circense de Teatro e Bonecos. **Móin-Móin - Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**, Florianópolis, v. 1, n. 28, p. 147–166, 2023. Disponível em: https://institutoaugustoboal.files.wordpress.com/2012/12/um-ensaio-da-revoluc3a7c3a3o_final-11.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARVALHO, Daniel Cunha. **Aqui o meu boi vai urrar** – uma leitura espacial do bumba meu boi na cidade de São Luís (MA). 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador: provocação e dialogismo**. 3ª ed. SP: Editora HUCITEC, edições Mandacaru, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOODSON, Ivor. Historiando o eu: a política-vida e o estudo da vida e do trabalho do professor. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Processos e Práticas de Cultura Visual e Educação**. Rio Grande do Sul: Editora da UFSM, 2013.

FONSECA, Michelle N.C.; NASCIMENTO, Andressa P.dos. Experiência com Teatro na Escola: Memórias e análise do processo de montagem do espetáculo teatral “O cavaleiro do Destino”. In: ZORZAL, Ricieri C. SILVA, Regiane A. C.da. **Um voo sobre as Artes Cênicas: olhares, perspectivas e experiências em pesquisa**. Brasília, DF: Trampolim, 2022.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LARROSA, Jorge. Mãos que nem sempre são felizes: seguindo a conversa com Glaucia Dias da Costa. In: LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen Christine; CUBAS, Caroline Jacques. **Elogio do professor**. 1.ed.-Belo Horizonte: Autêntica, 2021.p.147-157.

MENESCAL, Mécia. **Bumba Meu Boi do Maranhão é patrimônio cultural imaterial da humanidade** (2019). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/428>. Acesso em:18 fev.2025.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Teatro e Educação: uma relação transformadora**. São Paulo: Editora X, 2001.

SILVA, A. N. (2020). **Toponímias e Questões Espaço-Culturais: Identidades em Raposa – MA**. Geografia (Londrina), 30(1), 285–303. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2447-1747.2021v30n1p285>. Acesso em:08fev.2025.

APÊNDICE A- SEQUÊNCIA DIDÁTICA: O AUTO DO BUMBA MEU BOI A PARTIR DO TEATRO DO OPRIMIDO

Público-alvo: Alunos do 9º ano da Unidade Integrada Sarney Filho, Raposa - Maranhão.

Período de Realização: 07/10/2024 a 02/12/2024

Tempo Previsto: 16 aulas de 45 minutos.

Objetivos Gerais

- Estimular a compreensão cultural e artística do Auto do Bumba Meu Boi como expressão popular maranhense.
 - Desenvolver habilidades teatrais utilizando os métodos do Teatro do Oprimido para incentivar a reflexão e o protagonismo estudantil.
 - Construir um portfólio como registro das aprendizagens, reflexões e produções realizadas ao longo da sequência.
 - Aplicar a prática pedagógica interdisciplinar unindo teatro, cultura e cidadania.
-

Datas e Atividades realizadas

1ª Etapa: Introdução ao Tema

Datas: 02, 07 e 09/10/24

Atividades:

- Roda de conversa com os alunos sobre o que eles sabem sobre o **Bumba Meu Boi** (conhecimentos prévios).
- Apresentação de vídeos e músicas relacionadas ao Auto do Bumba Meu Boi, destacando os elementos culturais, musicais e narrativos.
- Discussão sobre o contexto histórico, cultural e social do Bumba Meu Boi no Maranhão.
- Introdução ao **Teatro do Oprimido**: Breve explicação sobre Augusto Boal e como o método se relaciona com questões sociais e culturais.

Criação do Portfólio:

- **Primeira página do portfólio:** Apresentação pessoal do aluno (nome, turma, expectativas para o projeto).
 - Registro do que foi discutido nesta etapa: "O que sei sobre o Bumba Meu Boi?" e "O que quero aprender?".
-

2ª Etapa: Introdução ao Teatro do Oprimido e Jogos e exercícios

Datas: 14, 16 e 21/10/24

Atividades:

- Dinâmica introdutória: Aplicação de jogos e exercícios do **Teatro do Oprimido**: Máquina de ritmo, completar a imagem (jogos de imagem), a memória dos sentidos.
- Discussão em grupo: Quais "opressões" podem ser identificadas na narrativa do Auto do Bumba Meu Boi?
- Criação de cenas curtas baseadas nas situações de conflito da história, como:
 - A luta pelo direito à vida (a ressurreição do boi).
 - As desigualdades sociais representadas nos personagens.

Criação do Portfólio:

- Registro dos jogos realizados (quais foram as dinâmicas feitas, o que aprenderam com elas).
 - Reflexão: "Como o Teatro do Oprimido pode nos ajudar a resolver conflitos na vida real?"
-

3ª Etapa: Exploração Cultural e Visita ao Museu da Maioba

Datas: 23.10.24

Atividades:

- Leitura e interpretação de trechos do Auto do Bumba Meu Boi.
- Análise dos personagens e da narrativa: o conflito central e as representações sociais.
- Reflexão coletiva: "Quais problemas ou conflitos sociais do Maranhão podem ser associados aos temas do Bumba Meu Boi?"
- Atividade extraclasse:
 - **História:** Contextualização histórica da formação do Auto do Bumba Meu Boi no Maranhão.
 - **Geografia:** Localização das principais manifestações do Bumba Meu Boi na cidade de Raposa(proximidades) e em outras regiões do estado.

Criação do Portfólio:

- Registro da análise dos personagens e temas do Auto do Bumba Meu Boi.
 - Produção de textos curtos ou desenhos que expressem a visão do aluno sobre os temas abordados.
 - Reflexão escrita sobre o papel da cultura local: "Por que o Bumba Meu Boi é importante para nossa identidade?"
-

4ª Etapa: Criação Coletiva Teatral Inspirada no Auto do Bumba Meu Boi

O Auto do Peixe Azul: uma história que te contaram.

Datas: 30, 04, 06, 11, 13 e 18/11/24

Atividades:

- Planejamento da peça teatral em grupo:
 - Escolha do tema principal.
 - Releitura da história do Bumba Meu Boi adaptada à realidade dos alunos (por exemplo, conflitos locais ou questões sociais relevantes para a comunidade escolar).
- Reescrita e criação do roteiro pelos alunos, com orientação do(a) professor(a).
- Distribuição dos papéis: personagens, narradores, figurino e cenário.

Criação do Portfólio:

- Registro do processo de criação do roteiro: ideias iniciais, conflitos escolhidos, personagens criados.
- Registro fotográfico ou escrito sobre o planejamento coletivo da peça.

Apresentação da Encenação Teatral: 02/12/2024

Local de apresentação: Pátio da Escola

APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa (O AUTO DO BUMBA MEU BOI A PARTIR DO TEATRO DO OPRIMIDO: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO 9º ANO DA UNIDADE INTEGRADA SARNEY FILHO EM RAPOSA - MARANHÃO), sob a responsabilidade do/a pesquisador/a Morgana Abtibol Vale Lobão qual pretende realizar a pesquisa desenvolver por meio dos elementos constitutivos do Teatro do Oprimido, a teatralização do bumba meu boi a partir de histórias dos estudantes do 9º ano da Unidade Integrada Sarney Filho, no município de Raposa/MA, tendo como contexto os aspectos sociais, econômicos, religiosos e culturais da vivências e histórias dos estudantes. Sua participação é voluntária e se dará por meio de observação. Destacamos que a pesquisa está alinhada com base no Teatro do Oprimido utilizando como técnica o Teatro da imagem o que é uma abordagem poderosa para a investigação educacional, promovendo a participação ativa, a reflexão crítica e a transformação social.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui informado/a sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do/da participante da pesquisa

Assinatura do Pesquisador responsável

Data: ____/____/____

ANEXO A- O AUTO DO PEIXE AZUL: UMA HISTÓRIA QUE TE CONTARAM

AUTOR: ESTUDANTES DO 9º ANO

PERSONAGENS:

NARRADOR(A): Maysa Leonez

DONO DO CURRAL(MUNDICO): Keirrison da Silva

PAI FRANCISCO (ZÉ CHICO): Marcos Araújo

MARIA FIRMINA(CATIRINA): Julyane Marques

PEIXE AZUL: Claudio Silva

PESCADOR (ZÉ MARIA): Adriano Sousa

PESCADOR JOÃO DO CAIS: Richarlisson Oliveira

PAJÉ(DOMINGOS): Denílson Pereira

ÍNDIOS: Jamile Silva, Isabel Sophia Lima e Diógenes da Conceição.

SINOPSE:

Narrador: A encenação é uma adaptação da encantadora história do auto do Bumba Meu Boi, no contexto da cidade de raposa, no maranhão. Nesse cenário vibrante, onde a cultura das comunidades pesqueiras pulsa com vida, conhecemos Catirina, uma mulher de desejos intensos que refletem a força, a coragem e a determinação que moldam a identidade local.

Entre tramas e cantos, o enredo incorpora a célebre narrativa de Pai Francisco e Catirina: grávida, Catirina deseja comer a língua do boi mais precioso do fazendeiro. Para atender ao pedido de sua amada, Pai Francisco se envolve em situações cômicas e tensas, levando a história a momentos de drama e celebração.

Essa adaptação nos transporta por um universo que exalta os sonhos, as lutas e as conquistas do povo maranhense, inspirando-nos a refletir sobre nossos próprios desejos e as oportunidades que, muitas vezes, deixamos escapar. Afinal, quantas Catirinas existem dentro de nós? Quantos sonhos guardamos e quantas histórias estão esperando para ser vividas?

Venha mergulhar conosco nessa história cheia de tradição, alegria e emoção.

Música: paródia da letra Catirina

Narrador: A história se passa em uma comunidade pesqueira chamada raposa, um lugar de belezas naturais e rica cultura. Um belo dia, um casal de pescadores, Zé Chico e Maria Firmina, chega a esse lugar em busca de uma vida melhor. Ambos haviam deixado sua cidade natal com a esperança de encontrar emprego e novas oportunidades. Zé Chico, determinado a oferecer um futuro para sua esposa, precisava de trabalho, pois Maria Firmina, grávida, estava cheia de vontades.

Zé Chico: Oh de casa??? Oh de casa??? Batendo palmas....

Dono do curral: Diga homi.... O que lhe faz bater palma com tanta urgência...?

Zé Chico: Oh Ma eu tô meio avexado querendo saber se o senhor não tem nada para mim pode fazer ai na sua casa? É que tô a procura de um trabalho cheguei a poucos dias na vila e não tenho lugar pra ficar e nem trabalho e minha mulher tá de bucho e preciso arrumar trabalho.

Dono do curral: Rapá o senhor é de onde? E que tu sabe fazer homem...

Zé Chico: Sou pescador e cuido bem de curral.... Aprendi com meu pai lá nas terras de Tutóia de onde eu vim.....

Zé Chico: Pois então, eu andava a procura de alguém aqui para me ajudar.... é que tenho algo, que tenho muito apreço, mas não tenho muita saúde para ficar vigiando dia e noite.

Zé Chico: E o que é siô? Que tu tens que vigiar dia e noite? Já tô preocupado com esse serviço.

Dono do curral: Hum homi não é nada demais, é o meu peixe preferido brilhante azul reluzente que venho cuidando dele há muitos anos e não quero que nada de mal aconteça com ele...eu sei que um dia ele vai morrer, mas não quero que seja pelas mãos do homem e por isso que guardo ele em curral que fiz especial pra ele...

Zé Chico: E o senhor que eu faça o que com esse peixe?

Dono do curral(Ambrósio): Cuide dele dia e noite! E não deixe ninguém se aproximar do meu curral ele é o peixe mais querido que tenho. Se eu perder esse peixe não sei o que será de mim.

Zé Chico: Ah! Patrão! Então deixe comigo eu vou cuidar muito bem dele pode deixar.

Narrador: Zé Chico volta para se encontrar com Maria Firmina todo feliz.

Zé Chico: Maria? Mariazinha? Mulher cadê tu? É mulher?

Maria Firmina: Oi homi e que foi? Eu tava ali arrumando a rede de pesca pra nós pescar. Aqui já não tem mais nadinha pra comer...

Zé Chico: Mulher tu nem sabe, fui pedir emprego lá na casa do seu Ambrósio ele me pediu um negócio mulher.

Maria: O que homi? O que ele te pediu?

Zé chico: Pra mim tomar conta do curral de peixe dele, só que nesse curral tem um peixe muito querido pra ele. E tu acredita que o homi fala como se fosse gente?

Maria: Hahahahahah só que me faltava... Eu quero olhar esse peixe hahahahaha.

Zé chico: Ta muieeeeeeeê te levo lá.

Maria: Mais zé tu sabe que hoje vamos pescar... Te avexa e cuidaaa. Aqui não tem nada pra cumer.

Narrador: E assim, maria e zé chico foram pescar....

No dia seguinte, maria e zé chico foram até a casa de seu Ambrósio olhar o peixe. Mas maria estava tão ansiosa e pensativa, que não via a hora de chegar e olhar esse peixe.

Zé Chico: mulher tu não vai doidice na casa do homi acabei de conseguir esse emprego pra cuida das coisas lá, tu não me inventa coisa.

Maria: Te aquieta homi seu me comportar nas partes.

Narrador: Maria chegando na casa de seu Ambrósio ela queria logo olhar esse peixe de qualquer jeito. Mas o zé foi logo dizendo pra ela se aquietar e esperar que depois ela ia ver e que ele não aparece assim não.

Maria: Ah então, ele é um fantasma? Ah zé me conte outra.

Zé: Maria tu tem cada invenção....

Narrador: Maria e zé retornaram pra casa e a noite maria queria muito te dizer uma coisa pra zé...

Maria: Zé eu fui pra bandas da casa de seu Mundico e olhei um peixe... Eu quero esse peixe zé...

Zé: Mulher depois vou pescar um peixe pra ti, deixa de coisa....

Maria: Tu sabe que eu tô buchuda e só quero se for esse que eu vi lindão, tão reluzente, deve ser delicioso....ai ai ai ai

Zé: Amanhã vamos por lá e tu me diz qual é

Narrador: Maria passou a noite pensando, saboreando o peixe em sua boca com uma vontade enorme de comer esse peixe. Mas, maria nem imaginava que zé corria risco por conta desse peixe, seu patrão é brabo e jamais perdoaria se alguém fizesse mal ao seu peixe.

Maria: É zé vem aqui, olha quero esse peixe... Da teu jeito não posso ficar com esse desejo não. Passei foi a noite toda doidinha do meu juízo...

Narrador: O zé para satisfazer o desejo da maria armou um plano para pegar o peixe sem que fosse visto. Só que seu plano deu ruim... A noite se aproximava e zé foi até o curral pegar o peixe, só que ele não esperava se atrapalhar todinho...o peixe ficou enganchado na rede, preso na cerca do curral e o desespero começou...

Zé: Ai meu Deus o que eu fiz com o peixe do patrão? Ele vai fugir e nem maria e nem o patrão meu deus tô ferrado...

Narrador: Zé ficou aperreado... E nada conseguia fazer... Uns pescadores da região, avistando de longe aquela cena no curral de seu Ambrósio e se aproximaram.

Pescador: O que o senhor tá fazendo ai? No curral de Ambrósio? Tu que morrer? Olha se ele sonha que tu tá mexendo nesse curral desse peixe tu tá é lascado.

Zé: Eu trabalho para ele..., mas minha mulher quer comer esse peixe ela tá grávida e não posso deixar ela morrer com esse desejo e nem meu filho nascer com cara de peixe... Só que o peixe não se mexe mais... Ele tá parado e acho que ele morreu... Oh e agora meu deus, deveria ter dado outro peixe pra maria e tô aperreado agora...

Pescadores: Vou ter que chamar seu Domingos o pajé que tem a reza pra ajudar nesse sacrificio tu que tu foi arrumar.

Narrador: Assim, os pecadores saíram em busca de ajuda e trouxeram seus Domingos e seus índios pra ajudar... Nesse momento zé já estava arrependido e desesperado... Até que o seu Domingos conseguiu acalmar o Zé dizendo

Pajé: Ma esse peixe tem um encanto ele nunca pode sair daqui desse curral de Ambrósio. Se você tirar ele daqui ele morrerá. Aqui é lugar dele... Esse peixe já vive aqui há muitos anos e todos aqui na região sabe dessa história... A lenda do peixe azul é antiga e ninguém nunca se atreveu a vir aqui. Seu Ambrósio sempre dizia se alguém um dia vier aqui e pegar esse peixe ele morrerá para sempre em seu coração.

Zé: Oh Ma tô tão arrependido ele me deu o trabalho só que minha mulher queria tanto comer esse peixe e vim fazer a vontade dela, mas eu não sabia que ia acontecer isso. Pensei que ele nunca fosse descobrir. Deu foi tudo errado.

Narrador: Quando de repente seu Ambrósio vê aquela movimentação em seu curral chega e pergunta:

Dono do curral: O que é isso aqui? Quem autorizou vocês se aproximarem do meu curral?

Zé: Foi eu quem trouxe eles aqui... Vim fazer um desejo pra minha mulher que tá prenha e me quase me lasquei... Ela queria seu peixe azul desejou esse peixe pra comer... Só que deu tudo errado seu peixe quase morreu... Quem me ajudou foram eles...

Ambrósio: Não acredito que você fez isso comigo... Te dei abrigo confiança e você faz isso comigo. O meu peixe mais precioso?

Zé: Me perdoa seu Ambrósio, foi por minha maria...

Narrador: Nesse momento, Ambrósio pensativo. Resolveu desculpar o Zé. Afinal ele não tinha contado a verdadeira história do peixe azul pra Chico. Na verdade, a história do peixe azul e quem olhasse o peixe sentiria o desejo de comer, por isso ele escondia com tanto medo...assim resolveu fazer um peixe delicioso pra maria e contar pra eles essa história...

Fim....

ANEXO B-LINK COM AS IMAGENS DO PORTÍFÓLIO²⁷

<https://drive.google.com/file/d/1YOVL0s1iQ4tYsCoNEo5KTQ1DurcKF6Yf/view?usp=sharing>

²⁷ O link foi criado para otimizar a visualização das imagens, pois ao inserir as imagens neste arquivo da dissertação ficou inviável abrir o arquivo. Desta forma. Basta acessar o link para visualizar as imagens.

ANEXO C- PARÓDIA: MARIAZINHA E O SONHO DO PEIXE AZUL

Mariazinha que só quer

Comer um peixe azul

O desejo vem lá do mar

Mas pra ela é só penar

Povo pensa que ela tem valor

Ai Mariazinha, poupa esse sonho

Minha Mariazinha, poupa esse sonho

Que quer crescer

E lá vai o barco

No quebrar das ondas

Mulher sozinha sonha

Com saudade vai pescar

Quando a maré baixa

Com a rede e a canoa

Mas se a sorte é boa

Um dia o peixe vai pegar

Quando a maré baixa

Com a rede e a canoa

Quem sabe o peixe vai pegar

Mariazinha que só quer

Provar o gosto do mar

Na bancada a sardinha

Mas sobra só espinha

Povo pensa que ela tem valor

Ai Mariazinha, poupa esse sonho

Minha Mariazinha, poupa esse sonho

Que quer crescer

E lá vai a rede

Pro fundo do mar

Onde peixe raro

Ela tenta encontrar

Mas o mar é ingrato

E o vento só espanta

O que é do mar encanta

Mas não vem se achegar

O que é do mar encanta

Mas não quer se achegar

E lá vai a maré

Carregando esperança

Entre onda e dança

O peixe escapa na mão

O mar leva embora

A última ilusão

Mariazinha que só quer

Comer um peixe azul

O desejo vem lá do mar

Mas pra ela é só penar

Povo pensa que ela tem valor

Ai Mariazinha, poupa esse sonho

Minha Mariazinha, poupa esse sonho

Que quer crescer